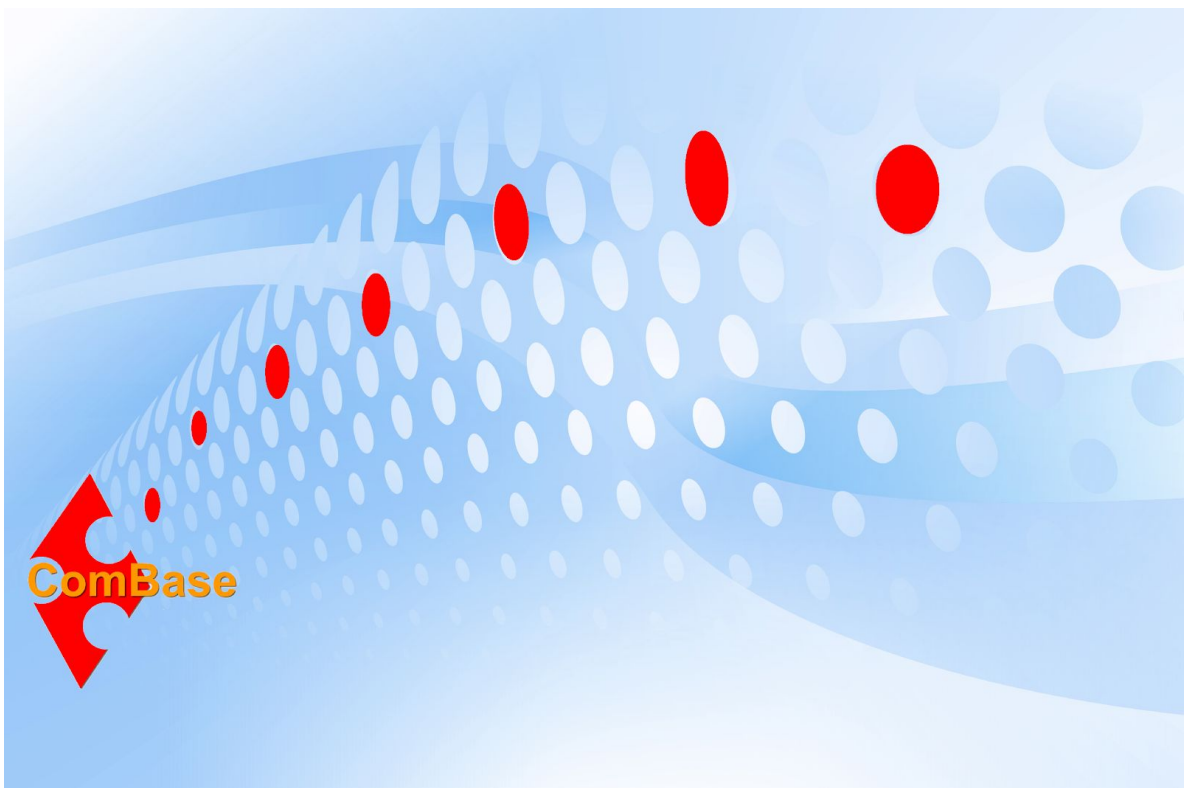




Prometeu

*Projeto de Meios Tecnológicos
em Educação Universitária.*





Ano III - Nº 3 - junho/julho/agosto de 2010

Prometeu

Projeto de Meios Tecnológicos em Educação Universitária.



REVISTA PROMETEU

Publicação TRIMESTRAL exclusivamente on-line da ComBase –
Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação (DEPED - PPGEd - UFRN).

Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

José Ivonildo do Rêgo

Programa de Pós-Graduação em Educação

Profª Drª Marlúcia Menezes de Paiva (coordenadora)

Profª Drª Alda Maria Duarte Araújo Castro (vice-coordenadora)

Editor

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade

Comissão Científica

Profª Drª Josimey Costa (UFRN);

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade (UFRN)

Prof. Dr. Ridha Ennafaa - Universidade Paris VIII (França);

Prof. Dr. Marcos Antônio de Carvalho Lopes (UFRN);

Profª Drª Marly Amarilha (UFRN).

Comissão Editorial

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade;

Prof. Dr. João Tadeu Weck;



Prof^a. Dr^a. Angela Almeida;
Adriano Medeiros Costa (Doutorando);
Eugênio Paccelli Aguiar Freire (Mestrando).

Os conceitos e opiniões emitidos são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

**Site: www.prometeu.educ.ufrn.br
E-mail: revistaprometeu@gmail.com**



Sumário

Sumário

Editorial	5
Educação a distância: uma rede de humanos e não-humanos na construção do conhecimento	7
Educação a distância e Metodologia Syllabus: sistematização de suas características no ensino superior	13
Sociedade, tecnologia e educação	30
Twitter enquanto esfera pública virtual	51
Incursão pelo ensino fundamental: da teoria à prática, teoricamente – uma análise do percurso entre a sala de aula e a inclusão digital	67
Formação do caráter hospitaleiro como prática educativa nas instituições de ensino	76
Comunicação, mediação e diálogo freireano no Orkut.	87



Editorial

Editorial

Finalmente estamos disponibilizando o terceiro número da Revista Prometeu. Neste número, os artigos apresentam relatos de experiências e reflexões sobre a presença de diferentes tecnologias da informação e comunicação no cotidiano da nossa sociedade.

No artigo “Educação a Distância: uma rede de humanos e não-humanos na construção do conhecimento”, Jucicléa Medeiros de Azevedo e Maria Dalvaci Bento refletem sobre as possibilidades da modalidade de ensino a distância e o atual momento vivido pela sociedade e, a partir disso, algumas mudanças necessárias no processo educacional formal. Seguindo nesta mesma modalidade de ensino, o artigo “Educação a distância e Metodologia *Syllabus*: sistematização de suas características no ensino superior” de Rosária Helena Ruiz Nakashima, Marisa Aparecida Pereira Santos, Carolina Nunes Pegoraro e Patrícia Zuccari apresenta um relato sobre a Metodologia *Syllabus*, adotada pela Universidade Sagrado Coração, cidade de Bauru (SP), a plataforma *Moodle*, conhecida por ser uma plataforma de gerenciamento de cursos a distância e a possibilidade de uso de tal metodologia como ferramenta de apoio ao ensino presencial.



Em “Sociedade, Tecnologia e Educação”, a autora Michelle Costa M. U. de Araujo reflete sobre como a educação deve viabilizar-se como espaço crítico em relação ao uso e à apropriação das tecnologias de comunicação e informação (TIC). Neste mesma abordagem sobre as possibilidades oferecidas pelas TICs, Anna Karinna Dantas Bevilaqua e Cristiane Clébia Barbosa no artigo “Twitter enquanto esfera pública virtual”, analisam as possibilidades oferecidas pelo *microblog* Twitter, que vem sendo utilizado para promover e reforçar a participação democrática dos cidadãos em assuntos de interesse coletivo, oferecendo assim possibilidades de revitalização da “esfera pública”, conceito de Jürgen Habermas.

Lizaine Weingärtner Machado e Marcelo Fistarol no artigo “Incurso pelo ensino fundamental: da teoria à prática, teoricamente – uma análise do percurso entre a sala de aula e a inclusão digital”, analisam o uso do blog em um processo de ensino formal em uma escola da rede pública de Florianópolis (SC), a partir da perspectiva da *teoria da aprendizagem verbal significativa*, elaborada por David Paul Ausubel.

Ainda temos o artigo do professor Ronaldo Neves (Decom – UFRN) sob o título “Formação do caráter hospitaleiro como prática educativa nas instituições de ensino” abordando a hospitalidade e a comunicação virtual e propondo uma reflexão educativa como perspectiva de uma prática pedagógica para a formação do caráter hospitaleiro na convivência virtual entre visitantes e visitados no ciberespaço. Logo depois, Adriano Medeiros Costa fala sobre o conceito de Comunicação, mediação e diálogo para Paulo Freire na rede social Orkut.



Por último, apresentamos uma entrevista em nosso Podcast com a professora Ângela Maria de Almeida, coordenadora local da 62ª Reunião anual da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência que se realizou entre os dias 25 e 30 de julho em Natal (RN).

Prof. Dr. João Tadeu Weck
Membro da Comissão Editorial da Revista Prometeu.
Membro da Base de Estudos e Pesquisas
em Meios de Comunicação e Educação
(DEPEd - PPGEd - UFRN).



Educação a distância: uma rede de humanos e não-humanos na construção do conhecimento¹

*Jucicléa Medeiros de Azevedo²
Maria Dalvaci Bento³*

Resumo

¹ Trabalho final apresentado à disciplina Teorias Contemporâneas da Cultura, sob a coordenação da professora Maria da Conceição Almeida Xavier, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.

² Aluna do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e bolsista do CNPq. E-mail: jucicleazevedo@yahoo.com.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Membro da ComBase. E-mail: dalbebr@yahoo.com.br

Prometeu - Projeto de Meios Tecnológicos em Educação Universitária.

Revista on-line da ComBase – Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação (DEPEd - PPGEd - UFRN).

Site: www.prometeu.educ.ufrn.br - Ano III - Nº 3 - junho/julho /agosto de 2010

Página 9



Este artigo tem como objetivo discutir a Educação a Distância (EAD) como uma modalidade de ensino que se estrutura a partir de uma rede de atores – humanos e não-humanos – conectados em defesa da construção do conhecimento. Para tanto, analisamos essa modalidade como uma extensão da sociedade em rede. Dessa forma, estaríamos pensando a educação a partir de um “ponto médio” (Latour, 1994) para conhecer alguns aspectos contidos no processo de ensino-aprendizagem que se descortinaram no mundo dominado por tecnologias da informação e da comunicação. Ainda refletimos sobre as críticas negativas relativas à EAD e compreendemo-las como crenças construídas a partir de um olhar ofuscado que negligencia o seu verdadeiro conteúdo. Procuramos nos posicionar quanto à questão de que não seria somente a EAD o único modelo com problemas, mostrando que o que devemos colocar em pauta não é a modalidade, mas a responsabilidade de cada um, no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chaves: Humanos e não-humanos na EAD; ensino-aprendizagem; críticas à EAD

A Educação a Distância (EAD) se constitui numa rede de atores humanos e não-humanos⁴ conectados para tecer o conhecimento. Sua história no Brasil está intrinsecamente relacionada à história da educação brasileira, desencadeada a partir da

⁴ Latour remete-se aos não-humanos como sendo aqueles objetos criados pelos humanos para desenvolver determinadas ações. Às vezes, ele refere-se aos não-humanos como quase-sujeitos, que para ele “torna-se o terreno de todos os estudos empíricos realizados sobre a rede” (LATOURE, 1994, p.95).



década de 1920 do século passado. No período compreendido entre esta década e os anos 2009 foram desenvolvidas diversas experiências no campo da EAD. Uma delas corresponde à criação, em 1920, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro de "um plano sistemático de utilização educacional da radiodifusão como forma de ampliar o acesso à educação" (SARAIVA, 1996, p. 19).

As décadas posteriores são agraciadas com modificações no sistema de ensino brasileiro, repercutindo, tanto na modalidade convencional, quanto na modalidade à distância, só que, nesta última, com uma menor expressividade. No início da década de noventa, a educação brasileira começa a vivenciar um processo de reformas, oriundas de compromissos que o Brasil assumiu, ao participar da Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia. Nesta Conferência, o Brasil e mais 154 países, subscreveram a declaração aprovada naquele momento, de assegurar uma *educação básica de qualidade* a crianças, jovens e adultos. Assim, uma das principais propostas desta reforma educacional foi a formação de professores, a qual deveria ser ofertada, em serviço e, preferencialmente, na modalidade a distância – essa era uma exigência do Banco Mundial. Foi nesse contexto, que a EAD começou a ter mais notoriedade.

Sabemos que os discursos produzidos com relação a esta modalidade de ensino não são os mais promissores, uma vez que durante a sua evolução, alguns obstáculos dificultaram sua aceitação pela sociedade, o que fez criar uma cortina de preconceitos. Mas, hoje, num mundo dominado pelas tecnologias tanto de informação quanto de comunicação, não podemos continuar com essas idéias cristalizadas. Precisamos adentrar



na história da EAD no Brasil para poder contextualizar a sua situação atual. Este foi o exercício utilizado por Vergani (2009), ao ser convidada para coordenar um projeto de formação para professores que dão aulas a crianças ciganas. Para esta autora, “unir para discernir” corresponde a outra forma de vencer antigas crenças. Assim, o que devemos fazer é compreender que estas duas modalidades – presencial e a distância – podem caminhar juntas, uma vez que são formas de obtenção do conhecimento. No entanto, é preciso discernir o papel de cada uma, no momento atual, para construir uma educação de qualidade para a sociedade da informação e da comunicação.

A explosão tecnológica que temos presenciado nas últimas décadas tem mudado a maneira de viver em sociedade. De acordo com Latour (1994), as transformações revolucionárias da ciência e da técnica, provocaram a multiplicação de artigos híbridos que delineiam tramas de formação social, política, econômica e cultural das sociedades. As novas possibilidades de comunicação proveniente desta explosão instigaram a circulação de informações em rede. Isso causou uma verdadeira revolução na maneira de pensar e de agir dos seus “usuários”. Para Latour (1994):

Em rede, o mundo moderno, assim como as revoluções, permite apenas prolongamentos de práticas, acelerações na circulação dos conhecimentos, uma extensão das sociedades, um crescimento do número de actantes, numerosos arranjos de antigas crenças. (LATOUR, 1994, p.52)

Nesse mundo “dominado” pelos “quase-objetos”, por que não pensar a educação a partir de um híbrido das modalidades, presencial e a distância? Como todos os setores da



sociedade, a educação, também, foi afetada pelos processos provenientes da inovação científica e técnica do mundo atual. Neste ínterim, estaríamos pensando a educação, a partir de um “ponto médio” (Latour, 1994) para conhecer a relação existente entre as propriedades humanas e não-humanas contidas no processo de ensino-aprendizagem que se descortinaram no mundo dominado pelo sistema informacional de comunicação.

A EAD talvez represente a forma de ensino que mais se aproxime com a atual maneira de viver da sociedade da informação e da comunicação. Suas fragilidades, apontadas por muitos profissionais do modelo presencial, também se apresentam nesta modalidade. Isso significa que os mesmos tipos de causas perpassam na explicação de debilidade de ambas. As verdades construídas para explicar o insucesso do aprendizado à distância são crenças construídas a partir de um olhar ofuscado por crenças valorizadas como verdades pré-estabelecidas. Esta situação nos faz levantar o seguinte questionamento: seria a EAD o único modelo com problemas?

Sendo uma extensão da sociedade em rede, a EAD representa um componente necessário ao fortalecimento da educação. Nessa modalidade, há uma verdadeira interação entre humanos e não-humanos, uma vez que os sujeitos envolvidos neste processo (professores, alunos, tutores, monitores) estão conectados em uma rede que viabiliza o processo de ensino e aprendizagem. Esta rede de conhecimento só é viabilizada por meio de alguns objetos técnicos (computadores, câmeras, internet, impressora, celulares, entre outros), que ajudam os humanos a interagirem entre si, conseqüentemente, entre os não-humanos.



Os humanos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem à distância dispõem de alguns recursos didáticos (não-humanos) que ajudam no fortalecimento do conhecimento, que são: MSN, *chat*, *fóruns* de discussão, videoconferência, *webconferência*, aulas gravadas em DVD, material impresso (módulos com o conteúdo das aulas), entre outros. As possibilidades oferecidas por essas tecnologias dão a EAD, na atualidade, características diferentes da modalidade presencial, principalmente por causa do surgimento dos ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa. Os recursos utilizados favorecem para que a educação acompanhe a dinâmica da sociedade, o que só acontece, em parte, com o outro modelo.

Houve uma vez um homem que, depois de viver quase cem anos em estado de hibernação, voltou um dia a si e ficou perturbado pelo assombro de tantas coisas insólitas que via e não podia compreender: os carros, os aviões, o telefone, a televisão, os supermercados, os computadores...Caminhava atordoado e assustado pelas ruas, sem encontrar alguma com sua vida, sentindo-se como um ramo desganhado do tronco da vida, viu um cartaz que dizia: ESCOLA. Entrou e ali, por fim, pôde reencontrar-se com o seu tempo. Praticamente tudo continuava igual: os mesmos conteúdos, a mesma pedagogia, a mesma organização da sala, com a escrivaninha do professor, a lousa e as carteiras enfileiradas para impedir a comunicação entre os alunos e fomentar a aprendizagem centrada na individualização e no individualismo. (ANTÔNIO PEREZ ESCALAREM Apud CARVALHO, 2009).



Qual seria a reação deste homem que, no lugar de se deparar com esta escola, encontrasse um Pólo⁵ da EAD? Este senhor defrontaria com duas situações inusitadas. Na primeira, ficaria perturbado sem entender nada por causa da enorme transformação ocorrida na sociedade, conseqüentemente, na educação. Só depois de horas conversando com os alunos, compreenderia o que estava acontecendo. Perceberia que as mudanças na educação foram necessárias para poder acompanhar o ritmo da sociedade: assim, os conteúdos e a pedagogia foram renovados; a sala de aula é virtual; os alunos precisam ficar conectados em rede e não mais em filas; apesar do aprendizado depender do esforço de cada um, acontece a partir da socialização do saber.

A segunda situação condiz com os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, pois o diálogo entre esse senhor e esses sujeitos o faria perceber docentes dedicados, cultivando um aprendizado que instigue nos discentes uma maior autonomia de pensamento, promovendo a criatividade e libertando-os da massificação do pensamento.

Concordamos com Almeida quando diz que “O momento é propício para buscar novos caminhos que ajudem a repensar a educação em seu sentido mais amplo e

⁵ O Pólo de EaD funciona como uma extensão da Universidade. Quando um aluno se matricula em um curso, automaticamente vincula-se a um pólo. Neste local, terá acesso às tecnologias utilizadas no curso; participará de encontros presenciais e prestará a prova presencial. O Pólo refere-se a uma estrutura constituída de sala de aula, laboratórios, secretaria, sala de tutoria e biblioteca.



recomendar ações mais direcionadas à transformação do sistema educacional em um processo mais aberto e flexível...” (apud MORAES, pág. 7, 1997). Nesse sentido, a EAD vem sendo fortemente disseminada. A necessidade de atender a uma grande demanda e a flexibilidade de acesso têm contribuído para a sua ampla expansão. Os problemas para a sua efetivação são de natureza diversa, porém nenhum caminho longo é trilhado, sem que não haja, em seu percurso, alguma curva, algum tropeço, alguma dificuldade. Eles existem. O desafio é tentar superá-los.

Devemos, assim, como fez Vergani, desconstruir alguns pré-conceitos criados com relação à Educação a Distância. Neste sentido, o que se deve colocar em questão, não é a modalidade de ensino e, sim, a responsabilidade de cada sujeito envolvido. Na modalidade presencial, também, contém suas fragilidades, pelo fato de não existir, em alguns profissionais, compromisso ético com o aprendizado de seus alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **Educação a Distância no Brasil:** diretrizes, políticas, fundamentos e prática. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/cecemca/EaD>. Acesso: 06 de ago, 2009, às 10:32.



CARVALHO, Edgar de Assis. **A natureza recuperada.** In: ALMEIDA, M. da Conceição. *Cultura e Pensamento Complexo*. Natal: EDUFRN, 2009.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos:** ensaios de antropologia. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Coleção Trans, 1994.

SARAIVA, Terezinha. **Educação a Distância no Brasil: lições da história.** Revista Em Aberto, Brasília, ano 16, n.70, p. 17-27, abr./jun. 1996.

VERGANI, Teresa. **A criatividade como destino:** transdisciplinaridade, cultura e educação. In: Carlos Aldemir Farias, Iran Abreu Mendes, Maria da Conceição de Almeida (Org.). São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

**Educação a distância e Metodologia *Syllabus*:
sistematização de suas características no ensino superior**



Rosária Helena Ruiz Nakashima⁶

Marisa Aparecida Perereira Santos⁷

Carolina Nunes Pegoraro⁸

⁶ Mestre em Educação pela Unicamp (2008). Graduada em Pedagogia pela Universidade Sagrado Coração (2003). Atualmente é docente da Universidade Sagrado Coração, atuando também na Coordenadoria Didática da instituição. Tem experiência na área de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Superior, com ênfase em Educação e Tecnologias. E-mail: rosaria.nakashima@usc.br

⁷ Doutora em Educação pela USP, campus São Paulo. Mestre em Educação pela Unesp, campus de Bauru. Graduada em Biologia pela Universidade do Sagrado Coração e em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras José Olímpio. Atualmente é professora titular da Universidade Sagrado Coração (USC), presidente da Comissão Própria de Avaliação e coordenadora de projetos didáticos pedagógicos na USC. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, educação, administração escolar, teoria e prática docente.

⁸ Doutora e Mestre pela USP em Dentística Restauradora. Graduada em Odontologia pela Faculdade de Odontologia de Bauru, USP. Tem experiência no Ensino Superior, na área da Saúde, atua há 15 anos como docente do curso de Odontologia na Universidade Sagrado Coração, atualmente atua na Coordenadoria Didática da USC.



Patrícia Zuccari⁹

Resumo

Este artigo tem como objetivo destacar as principais características entre a educação a distância (EAD) e a Metodologia *Syllabus*. Essa Metodologia foi adotada pela Universidade Sagrado Coração, cidade de Bauru, Estado de São Paulo e está pautada no planejamento periódico da ação docente, através da disponibilização antecipada do material didático e direcionamento ao estudo do aluno, proporcionando, através da leitura prévia do aluno, um ambiente em sala de aula de aprendizagem participativa. O recurso utilizado nesta Metodologia é a Plataforma *Moodle*, conhecida por ser uma plataforma de gerenciamento de cursos a distância. Entretanto, neste artigo, ressalta-se sua utilização como ferramenta de apoio ao ensino presencial.

Palavras-chave: Educação a distância (EAD). Metodologia *Syllabus*. Ensino superior. Plataforma *Moodle*.

⁹ Mestranda da Universidade Estadual Paulista, na Faculdade de Engenharia de Bauru, em Engenharia de Produção. Possui graduação em Administração pela Instituição Toledo de Ensino, é especialista em Finanças e Controladoria pela Instituição Toledo de Ensino. Atualmente faz parte do corpo docente e administrativo da Universidade do Sagrado Coração. Tem experiência no ramo educacional de Ensino Superior.



Introdução

Nos últimos anos, com a vertente das práticas sociais que apontam o rompimento dos conceitos educacionais tradicionais na relação estabelecida entre o professor e o estudante no Ensino Superior, importantes revoluções tecnológicas estão criando, na sociedade da informação, novos espaços para facilitar a convivência com diferentes concepções de ensinar e aprender e assim promover o desenvolvimento social, político e econômico da sociedade em geral.

Por isso, neste artigo, é oportuno refletir, sobre a crise conceitual que afeta a educação hoje, expondo brevemente as mudanças que ocorreram nesta década no campo epistemológico da metodologia de ensino, que implica na superação do paradigma dominante de que a escola é o único lugar para aquisição de informações que são armazenadas na memória do estudante.

De acordo com Moran (2007, p. 15), atualmente, entende-se que a educação não acontece só durante um período determinado de tempo, maior ou menor (Educação Básica, e ou Superior), mas ao longo da vida de todos os cidadãos e em todos os espaços, caracterizando-se a educação em processo.

A perspectiva de a interação social existir no campo epistemológico da metodologia de ensino encontra nas teorias de Vygotsky subsídios para entender o Ensino Superior como o lugar onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo de ensino



e aprendizagem. Neste caso, o professor tem o papel explícito de interferir no processo, diferentemente de situações informais nas quais o estudante aprende por imersão em um ambiente cultural, podendo ser auxiliado pelo universo das tecnologias (Vygotsky,1988).

O papel da linguagem e da aprendizagem no desenvolvimento da comunicação na sociedade da informação consiste na questão central da aquisição de conhecimentos pela interação do estudante com o meio, na geração de novas maneiras de facilitar os estudos e de promover o desenvolvimento social e cultural no Ensino Superior.

A formação no Ensino Superior passa pelo desafio de promover alternativas diversificadas para que o processo de ensino e aprendizagem seja qualitativo. Nesta perspectiva, este artigo destacará duas vertentes que se inserem no campo epistemológico da metodologia de ensino, como importantes revoluções tecnológicas que estão fazendo da sociedade da informação, significativas representações e imagens no processo de aprendizagem: a Educação a Distância e a Metodologia *Syllabus*, que utiliza uma plataforma tecnológica no ensino presencial.

A EAD e a Metodologia *Syllabus* são compreendidas à luz das teorias contemporâneas e configuradas no campo educacional brasileiro pelo Ministério de Educação (MEC) como forma de aprendizagem que contribuem para as novas exigências da sociedade, da cultura e da educação que buscam uma relação dialógica e contínua com o saber. A efetivação do direito do estudante construir o conhecimento nesse movimento convergente rumo a um novo paradigma, a partir das duas alternativas citadas no campo



metodológico, é garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96).

O modelo educacional, oriundo da modernidade, que amplia a sociedade da informação como inovação no Ensino Superior sustenta a necessidade de uma profunda reflexão conceitual na dimensão de novos valores e relações com o saber que para Sacristán (1998), respalda ações centradas em aprendizagens essenciais e básicas com métodos atrativos que favoreçam bases de uma educação continuada.

As principais características da EAD

A atual sociedade da informação é um fenômeno global que atinge todos os países, organizações, setores e indivíduos, promovendo transformações diversas, nas formas de agir, pensar e sentir. Para Takahashi (2000), nesta sociedade a informação flui em velocidade e em quantidade inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais.

Na área educacional, com o intuito de acompanhar essas modificações mundiais surgiram os ambientes virtuais de aprendizagem que representam uma importante contribuição à educação. Esses ambientes dispõem de recursos comunicacionais que permitem o acesso aos arquivos de texto, áudio, vídeo disponibilizados pelo professor, a realização de atividades e a interação entre professores e alunos (NAKASHIMA, 2006).



Cada vez mais a atual sociedade exige que os indivíduos estejam em estado permanente de aprendizagem e abertos ao novo. A EAD insere-se neste contexto, permitindo que os conhecimentos sejam ampliados e atualizados a partir da interação com diversos tipos de tecnologias.

A EAD caracteriza-se como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005). Em outras palavras, a EAD é uma modalidade de ensino e de aprendizagem, através da qual é possível expandir as possibilidades de educação ao longo da vida, buscando a proximidade comunicativa, independentemente da distância física entre alunos e professores. Entre as vantagens que apresenta estão a democratização do acesso à educação; a incorporação de atitudes autônomas, visando a formação permanente dos indivíduos; a flexibilidade de local e horário de estudo; e a adaptação ao ritmo de aprendizagem do aluno.

Alguns autores fazem uma distinção entre EAD e educação *online*¹⁰. Na concepção de Silva (2003), Filatro (2004), Moran (2007), a EAD acontece mediada por recursos tecnológicos, mas não depende exclusivamente da internet, podendo utilizar também o ensino por correspondência e a televisão. Nessas condições, o programa “Telecurso Segundo Grau” caracterizava-se como EAD.

Os mesmos autores afirmam que, a educação *on-line* pode ser definida como o conjunto de ações de ensino e aprendizagem desenvolvido por meios telemáticos, como a

¹⁰ Neste artigo, vamos usar os termos educação a distância (EAD) e educação *online* como sinônimos.



internet, a vídeo ou a teleconferência, abrangendo hipertexto e redes de comunicação interativa, para distribuição de conteúdo educacional e promoção da aprendizagem. Dessa forma, a principal característica é a mediação tecnológica pela conexão em rede.

Em termos ideais, a melhor educação *on-line* é a que faz uso das potencialidades da internet, seguindo a lógica das redes hipertextuais e interativas [...] o conceito principal de educação *on-line* é de uma educação distribuída, que valoriza o processo, e não uma educação feita a distância, que valoriza os extremos de produção e consumo (FILATRO, 2004, p. 52).

De maneira mais abrangente, Soares (2003), com base no conceito empregado pelo *Califórnia Distance Learning Project*, tanto a EAD com a educação *on-line* são práticas educativas em que: a) existe separação entre o professor e o aluno durante a maioria do tempo em que durar o processo de ensino e de aprendizagem; b) se faz uso de recursos tecnológicos para unir o professor aos seus alunos, os alunos entre si, e para socializar as informações e os conteúdos didáticos; c) o tempo de aprendizagem é controlado pelos próprios alunos.

Diante dessas características, ao optar-se pela modalidade de ensino a distância é possível oferecer cursos e palestras sem precisar de um espaço físico e um horário pré-determinado, permitindo às pessoas que escolham o melhor local e momento para sua aprendizagem. Sobre isso, Palloff; Pratt (2002) afirma que, a EAD pode oferecer uma experiência educacional que ajuda a motivar os alunos que parecem mais quietos e menos propensos a participar de um debate, por isso essa modalidade caracteriza-se como uma



tecnologia educacional flexível, dinâmica, aberta, sem fronteiras e adaptável às necessidades do aprendiz.

A legislação da EAD

A partir da Lei de Diretrizes de Bases (LDB) nº 9394/96 a EAD foi oficializada como modalidade válida, pelo do artigo 80 desta lei.

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º. A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º. A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º. As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º. A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;



- II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;
- III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais. (BRASIL, 1996)

Para Vianney *et al* (1998), um dos objetivos da EAD é a democratização do acesso à educação e de acordo com SEED/MEC (2007), no contexto da política permanente de expansão da educação superior no País, implementada pelo MEC, a EAD coloca-se como uma modalidade importante no seu desenvolvimento. Porém, é importante destacar que não se pode pensar na EAD apenas como uma forma de suprir a possível demanda de profissionais com uma formação específica para o mercado de trabalho. O critério de qualidade deve ser primordial, visando uma educação que forme profissionais reflexivos e críticos, estimulados à construção do conhecimento. Sob esse aspecto, o Relatório elaborado pela Comissão Assessora para Educação Superior a Distância do MEC, em 2002, destaca a necessidade de que sejam mantidos, na educação a distância, os padrões de qualidade oferecidos no ensino presencial.

Nessa perspectiva de qualidade, o Decreto nº 5.622, de 19/12/2005, estabelece no Artigo 1º, parágrafo 1º, que as instituições de ensino que optarem pela EAD devem se organizar segundo metodologia (linguagem e formato específicos; recursos técnicos, de infra-estrutura e pedagógicos condizentes), gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para: avaliações de



estudantes; estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente; defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; e atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso (BRASIL, 2005).

A Secretaria de Educação a Distância, do Ministério da Educação, apresentou em 2007 um documento que não tem força de lei, mas define princípios, diretrizes e critérios que sejam referenciais de qualidade para as instituições que ofereçam cursos na modalidade a distância, a fim de coibir a precarização da educação superior, verificada em alguns modelos de EAD, e a sua oferta indiscriminada, sem garantias das condições básicas para o desenvolvimento de cursos com qualidade (SEED/MEC, 2007).

De acordo com o documento, para que as instituições possam elaborar um projeto de curso superior a distância, que garanta tanto o processo de formação técnico-científica para o mundo do trabalho, quanto o aprimoramento e formação humana como política para a formação do cidadão, as dimensões pedagógicas, de recursos humanos e de infra-estrutura devem ser contempladas. Dessa forma, devem estar integralmente expressos no Projeto Político Pedagógico de um curso na modalidade a distância os seguintes tópicos¹¹:

- **Concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem:**

¹¹ A síntese dos tópicos principais que devem estar contidos no Projeto Político Pedagógico foi elaborada com base no documento “Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância”.



explicitar a opção epistemológica norteará a proposta de organização do currículo e seu desenvolvimento, bem como a compreensão de avaliação, os instrumentos a serem utilizados, as concepções de tutor, de estudante, de professor devem ter coerência com a opção teórico-metodológica definida no Projeto Pedagógico.

- **Sistemas de Comunicação:** o sistema de comunicação adotado deve permitir ao estudante resolver, com rapidez, questões referentes ao material didático e seus conteúdos, bem como aspectos relativos à orientação de aprendizagem como um todo, articulando o estudante com docentes, tutores, colegas, coordenadores de curso e disciplinas e com os responsáveis pelo sistema de gerenciamento acadêmico e administrativo. Dessa forma, o princípio da interação e da interatividade é fundamental para o processo de comunicação e devem ser garantidos no uso de qualquer meio tecnológico escolhido pela instituição, a fim de diminuir a sensação de isolamento, apontada como um dos principais responsáveis pela evasão nos cursos a distância.
- **Material didático:** deve desenvolver habilidades e competências específicas, recorrendo a um conjunto de mídias compatível de modo a facilitar a construção do conhecimento e mediar a interlocução entre estudante e professor. O Projeto Pedagógico do Curso deve ser o norteador para a elaboração do material, que também deve passar por um rigoroso processo de avaliação prévia, com o objetivo



de identificar necessidades de ajustes, visando o seu aperfeiçoamento.

- **Avaliação:** as avaliações da aprendizagem do estudante devem ser compostas de avaliações a distância e avaliações presenciais, sendo estas últimas cercadas das precauções de segurança e controle de frequência, zelando pela confiabilidade e credibilidade dos resultados. Devem ajudar o estudante a desenvolver graus mais complexos de competências cognitivas, habilidades e atitudes, possibilitando-lhe alcançar os objetivos propostos. A avaliação institucional deve configurar-se em um processo permanente e consequente, de forma a subsidiar o aperfeiçoamento dos sistemas de gestão e pedagógico, produzindo efetivamente correções na direção da melhoria de qualidade do processo pedagógico coerentemente com o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES).
- **Equipe multidisciplinar:** o modelo de EAD adotado pela instituição deve ser formado por uma equipe multidisciplinar com funções de planejamento, implementação e gestão dos cursos a distância, onde três categorias profissionais, que devem estar em constante qualificação, são essenciais para uma oferta de qualidade: docentes, tutores e pessoal técnico-administrativo.
- **Infra-estrutura de apoio:** deve ser proporcional ao número de estudantes, aos



recursos tecnológicos envolvidos e à extensão de território a ser alcançada, o que representa um significativo investimento para a instituição. Deve constar de: coordenação acadêmica-operacional nas instituições, composta por secretaria acadêmica, salas de coordenação de Curso, salas para tutoria a distância, biblioteca, sala dos professores, dentre outros itens; e pólo de apoio presencial, composta por laboratórios de informática, laboratórios específicos de ensino, biblioteca, secretaria do pólo e espaços para atender portadores de necessidades especiais.

- **Gestão Acadêmico-Administrativa:** é fundamental que o estudante de um curso a distância tenha as mesmas condições e suporte que o presencial, e o sistema acadêmico deve priorizar isso, no sentido de oferecer ao estudante, geograficamente distante, o acesso aos mesmos serviços disponíveis para ao do ensino tradicional, como: matrícula, inscrições, requisições, acesso às informações institucionais, secretaria, tesouraria, etc. Portanto, a instituição deve explicitar seu referencial de qualidade em seu processo de gestão, apresentando em seu projeto de sistema de educação a distância, o atendimento à administração e controle de tutoria, controle de produção de material, sistemas de avaliação, condições de matrículas e cadastros dos alunos, registro de avaliações e autonomia ao professor na elaboração de seu conteúdo.
- **Sustentabilidade financeira:** a educação superior a distância de qualidade envolve



uma série de investimentos iniciais elevados para a produção de material didático, para a capacitação das equipes multidisciplinares, na implantação de pólos de apoio presencial e na disponibilização dos demais recursos educacionais, assim como na implantação (metodologia e equipe) da gestão do sistema de educação a distância. Dessa forma, é preciso que haja um projeto que seja acompanhado e avaliado permanentemente, levando-se em conta o custo/benefício e garantindo os investimentos e custeios necessários ao processo de aperfeiçoamento.

Portanto, tais obrigatoriedades auxiliam no entendimento de que os cursos a distância não devem ser compreendidos como “cursos por correspondência” ou “cursos vagos”, mas primar pela seriedade, compromisso e qualidade na oferta de formação superior.

O enfoque da Metodologia *Syllabus*

A Metodologia *Syllabus* faz parte do projeto de ensino e aprendizagem, implantado desde 2008 nos cursos de graduação da Universidade Sagrado Coração (USC), na cidade de Bauru, Estado de São Paulo.

A Metodologia *Syllabus* buscou sua fundamentação na experiência que provêm do Modelo Pedagógico aplicado no *Internacional Council of Universities of Saint Thomas*



Aquinas (ICUSTA), no Chile, em 1998, ocasião em que, segundo Dietrich (2002), antropóloga da Universidade de Califórnia, San Diego, houve um aumento no número de estudantes que procuraram a Educação Superior com déficits importantes em suas competências acadêmicas básicas. A terminologia *Syllabus*, palavra de origem inglesa, significa plano de atividades e tem o sentido de detalhar, enumerar, especificar os componentes de um conjunto (Hevia; Schiefelbein; Zúñiga, 2002).

O Modelo *Syllabus* está fundamentado nos princípios estabelecidos por seus mentores Ernesto Schiefelbein e Ricardo Zúñiga (2002). Tais princípios se relacionam com a preparação dos professores e dos estudantes antes da aula, por meio de leituras, exercícios, observações, atividades e outros recursos disponibilizados em uma plataforma de apoio; o estímulo para o hábito de leitura do estudante; incentivar a capacidade de participação durante a aula; o ato de avaliar por meio de questionamentos rápidos (*Quiz*) sobre a atividade prévia; e o enriquecimento do conteúdo curricular a partir da percepção das dificuldades do estudante, com oferta de atividades pós-aula para melhorar a aprendizagem.

A Política de Ensino institucional da USC propôs a implementação de uma nova metodologia, a partir da preocupação com a dificuldade de leitura e interpretação de textos dos estudantes que recebiam. Moran (2007) cita em sua obra uma pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania¹², em que foram ouvidos 3.501 brasileiros de 15 a 24 anos, de seis estados e 198 municípios, e o que mais chama a atenção é a abstinência cultural dos jovens

¹² Pesquisa publicada na revista Istoé, ed. 359, 21/07/2004. Seção A semana.



brasileiros, pois 23% nunca leram um livro; 39% nunca foram ao cinema; 62% nunca foram ao teatro; e 52% nunca estiveram numa biblioteca fora da escola.

Em busca de alterar esses dados, a Metodologia *Syllabus* propõe que o cotidiano das aulas seja transformado em consequência do preparo prévio do estudante que recebeu orientações sobre o assunto a ser tratado, realizando sua leitura e compreensão prévia, a fim de contribuir para sua formação ética, responsável e reflexiva diante do saber científico e aperfeiçoamento cultural e profissional.

A perspectiva interacionista é predominante na Metodologia, que se fundamenta no ideário de Piaget. Segundo Palangana (1998), a linha defendida neste ideário coloca o conhecimento não como algo imanente nem ao sujeito nem ao objeto, sendo, isto sim, construído na interação entre estes dois pólos, no caso professor e estudante. Ressalta a construção do conhecimento a partir da exploração e da manipulação dos objetos de aprendizagem, das trocas que o indivíduo realiza com o meio e da capacidade do indivíduo elaborar continuamente novas operações.

A essência do conceito de planejamento na Metodologia abrange propósitos e experiências de aprendizagem do Plano de Ensino da disciplina que compõe o conjunto das relações de competências, habilidades e atitudes, como um ato capaz de ser modificado de acordo com a intencionalidade do estudo dirigido.

Na Metodologia *Syllabus*, o estudo dirigido está relacionado ao fato de que “aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que a informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente e emocionalmente” (MORAN, 2007, p. 33).

A Metodologia *Syllabus* está relacionada à EAD?



A dinamicidade da ação entre o professor e o estudante predominante na Metodologia *Syllabus* tem no entendimento do significado de ensinar, pressupostos didáticos e pedagógicos, que segundo Massetto (1996), podem ser definidos como uma linha de ação em que o saber fazer, o comunicar conhecimentos, o desenvolver competências e habilidades e, o aprender em uma disciplina do currículo, são resultados interativos decorrentes entre a relação das estruturas mentais e do meio ambiente. Para Machado (1994), Echeverría (2003), Rios (2003) e Freire (1970) as perspectivas filosóficas de compreender o ensinar, têm como estratégias partir de boas perguntas, fazendo do movimento metodológico o compromisso contratual de aplicação do diálogo como interação e condições de flexibilidade e construção coletiva do conhecimento.

A Metodologia *Syllabus* estabelece a prática do planejamento docente e discente com o objetivo de tornar a sala de aula um ambiente de aprendizagem questionador e participativo. De acordo com Moran (2007, p. 18-19):

Hoje aproveitamos efetivamente, em média, menos da metade do tempo na sala de aula, pela percepção de que os cursos são muito longos e de que muitas das informações que acontecem na sala de aula poderiam ser acessadas ou recuperadas em outro momento.

Com essa finalidade a Metodologia é mediada pela plataforma tecnológica *Moodle* (<http://syllabus.usc.br>), utilizada como uma importante ferramenta na organização didática dos cursos de Graduação, que se caracterizam essencialmente como presenciais.



Moodle significa *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*, mas antes disso, o *M* associa-se ao primeiro nome do seu autor australiano Martin Dougiamas, o qual defende uma epistemologia socio-construtivista do ensino e da aprendizagem. É uma ferramenta do tipo *LMS (Learning Management Systems)*, que significa Sistemas de Gerenciamento de Aprendizagem ou Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Na Metodologia *Syllabus*, a Plataforma *Moodle* não é utilizada para o gerenciamento dos cursos de Graduação, pois as disciplinas são ministradas presencialmente. A finalidade da Plataforma é servir como apoio ao ensino presencial, devido sua característica de poder ser acessada de qualquer computador conectado à internet, a fim de permitir a disponibilização prévia do Plano de Aula e materiais complementares que devem ser lidos antes da aula.

Segundo Kenski (2004), na atualidade o saber científico se legitima pela sua divulgação nos mais diferenciados suportes midiáticos, tais como: livros, revistas, jornais, cinema, televisão, internet e demais formas hipermidiáticas de comunicação. Dessa forma, a Política de Ensino institucional parte do princípio da necessidade do professor ampliar sua concepção de ensinar e aprender, integrando a cultura tecnológica à sua prática docente.

É possível afirmar que o professor adquiriu novas competências na sociedade da informação, porém ele conta com modernos equipamentos e produtos que permitem a criação de outras condições de aprendizagem, facilitando o processo de desenvolvimento do aluno. O grande desafio é saber aproveitar as potencialidades comunicacionais e



pedagógicas dos recursos técnicos, a fim de incorporá-los no cotidiano escolar e melhorar a qualidade do ensino.

Esse desafio foi aceito pela Coordenadoria Didática que, desde o início da implantação da Metodologia, oferece orientações constantes para a utilização da Plataforma *Moodle*, que na USC é denominada Plataforma *Syllabus*. Segundo Corrêa (2006, p. 43):

As tecnologias que favorecem o acesso à informação e aos canais de comunicação não são, por si mesmas, educativas, pois para isso, dependem de uma proposta educativa que as utilize enquanto mediação para uma determinada prática educativa.

Por isso, na Metodologia *Syllabus*, o ambiente de aprendizagem torna-se participativo e integrado, tendo como estratégia a motivação provocada pelo conhecimento prévio do assunto e pelas discussões em sala de aula. O entendimento do estudante sobre o tema abordado contribui para o professor ter o *feedback* imediato do desempenho na disciplina.

Esse *feedback*, caracterizado pelo *Quiz*, acontece de maneira breve, em qualquer momento da aula, como avaliação oral ou escrita, individual ou em grupo, como por exemplo, por meio de dramatizações, experimentos e observações, desde que o aluno participe.



Portanto, a atual Política de Ensino valoriza a prática pedagógica desenvolvida presencialmente, em que o *feedback* do processo de aprendizagem se dá em sala de aula, aliada à concepção de Moran (2007), que expõe que não basta a aula expositiva para conhecer, pois o conhecimento se dá cada vez mais pela relação prática e teoria, pesquisa e análise, pelo equilíbrio entre o individual e o grupal.

Considerações finais

O apoio oferecido pela Plataforma consiste em instituir nos estudantes o hábito de preparar sua participação em cada aula, compreendendo e relacionando os conceitos básicos nela disponibilizados; o hábito de realizar leituras individuais e desenvolver habilidades para compreensão de textos; a capacidade de pensar de uma maneira reflexiva e crítica, contribuindo com suas opiniões e conclusões; e o desenvolvimento de habilidades e destrezas cognitivas que enriquecem o processo ensino e aprendizagem, fortalecendo sua capacidade de aprender por si mesmo e alcançando a metacognição.

A EAD caracteriza-se pela separação física entre professor e aluno, que a distingue do ensino presencial; na Metodologia é essencial a presença e integração dos docentes e discentes para fomentar o trabalho em sala de aula, na construção coletiva do conhecimento.

Na EAD utilizam-se meios técnicos de comunicação, para unir o professor ao aluno e transmitir os conteúdos educativos; na Metodologia utiliza-se uma ferramenta



tecnológica que se constitui como apoio institucional e dispositivo didático do professor para facilitar o hábito da leitura prévia do aluno.

Para Almeida (2003), dentre os desafios do sistema educacional em sua complexidade, é importante destacar que não se trata de colocar a EAD em oposição à educação presencial e sim de estudar o entrelaçamento entre ambas, as mudanças que interferem em seu processo quando se utiliza tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Nessa perspectiva, a Metodologia *Syllabus*, reconhece a relevância das TIC como ferramentas que podem contribuir no processo de aprendizagem, e ao mesmo tempo apóia-se no princípio construtivista de que o desenvolvimento do pensamento ocorre no processo de interação. Esta, por sua vez, se dá no espaço da sala de aula, de forma presencial.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. **Educação, ambientes virtuais e interatividade**. In. SILVA, M. (Org.) Educação online. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

BRASIL. Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005. **Ministério da Educação**, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 06 jul. 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Ministério da Educação, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm>. Acesso em: 06 jul. 2009.

Prometeu - Projeto de Meios Tecnológicos em Educação Universitária.

Revista on-line da ComBase – Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação (DEPEd - PPGEd - UFRN).

Site: www.prometeu.educ.ufrn.br - Ano III - Nº 3 - junho/julho /agosto de 2010

Página 38



CORRÊA, V. **Novas tecnologias da informação e da comunicação: novas estratégias de ensino/aprendizagem.** In. COSCARELLI, C. V. *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar.* 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FILATRO, A. **Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia.** São Paulo: Editora Senac, 2004.

FREIRE, P. **A Pedagogia da Autonomia.** São Paulo. Terra Nova, 1970.

HEVIA R.R., SCHIEFELBEIN.EF. ; ZÚÑIGA. R. **La metodología Syllabus: una guía práctica.Perguntas frecuentes.** In . SCHIEFELBEIN, Ernesto; ZÚÑIGA, Ricardo. **El Syllabus: Viviendo un Aprendizaje Autónomo.** Santo Tomás, 2002.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** 2. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

MACHADO, N. **Conhecimento como rede: a metáfora como paradigma e como processo.** São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 1994.

MASETTO, M. T. **Didática: a aula como centro.** 3.ed. São Paulo: FTD, 1996.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papyrus, 2007.



NAKASHIMA, R. H. R. **Comunidades virtuais no processo ensino e aprendizagem:** da sistematização de princípios teóricos à aplicabilidade prática. 2006. 90f. Monografia (Curso de Especialização em Formação de Professores: A produção do conhecimento na prática docente). Universidade do Sagrado Coração, Bauru.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky:** a relevância do social. 2.ed. São Paulo: Plexus Editora, 1998.

PALLOFF, R.M.; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIOS.T.A. **Compreender ensinar: por uma docência da melhor qualidade.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SACRISTÁN.J, PERES G., **Compreender e transformar o ensino.** 4 ed.Porto Alegre:, Artes Médicas, 1998.

SCHIEFELBEIN, E.; ZÚÑIGA, R. **El Syllabus:** Viviendo un Aprendizaje Autónomo. Santo Tomás, 2002.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância.** Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/referenciaisqualidadeead.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2009.



SILVA, M. (Org.) **Educação online**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

VIANNEY, João *et al.* **Introdução à educação a distância**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 1998.

VYGOTSKY, L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. SP, Icone, 1988.



Sociedade, tecnologia e educação

Michele Costa Meneghetti Ugulino de Araújo¹³

Resumo

Na sociedade atual a informação e o conhecimento circulam de forma muito rápida trazendo conseqüências de ordem política, religiosa, antropológica, social e econômica. Por vezes não nos damos conta de como vem acontecendo todo esse desenvolvimento e

¹³ Mestre em educação pela UFRN. E-mail: michelemeneghetti@hotmail.com



quais as consequências disso para os indivíduos, para a educação, para as organizações e para o conjunto da sociedade. Este artigo busca fazer uma reflexão sobre como a educação deve viabilizar-se como espaço crítico em relação ao uso e à apropriação das tecnologias de comunicação e informação (TIC), tendo em vista o espaço que ocupa na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas o que nos leva a ideia de uma educação permanente, uma *educação ao longo de toda a vida*, tendo por base saberes e competências que podem contribuir no processo educativo diante de desafios postos pela sociedade em que vivemos.

Palavras-chave: *Blog*. Potencialidades. Educação. Tecnologias da informação e comunicação.



Hoje, vivemos em uma sociedade onde a informação e o conhecimento circulam de forma muito rápida e com baixo custo, influenciando valores políticos, religiosos, antropológicos, sociais e econômicos.

Falar ao telefone, movimentar conta bancária, por terminal ou pela Internet, assistir televisão, fazer compras pela Internet, pesquisar, trocar mensagens com pessoas do outro lado do planeta são atividades corriqueiras no Brasil e, em muitos lugares do mundo. Adaptamo-nos a essas inovações de forma rápida e, muitas vezes, sem questionamentos.

Como vem acontecendo todo esse desenvolvimento? Quais as conseqüências disso para os indivíduos, para as organizações e para o conjunto da sociedade? Esses são alguns questionamentos pertinentes e que, muitas vezes, nem nos damos conta em responder.

Todas essas atividades que fazem parte do cotidiano das pessoas dependem da imensa malha de meios de comunicação que cobre países inteiros, interligando continentes, empresas e chegando à casa das pessoas: são fios de telefonia, cabos submarinos, linhas de fibra ótica e transmissão via satélite. São computadores que recebem, processam e repassam comandos e informações, tornando possível essa comunicação entre diversos meios. E, comandando toda essa rede comunicacional, têm pessoas que gerenciam ou delas se utilizam. A capacidade de transmissão e a qualidade dos serviços são tamanhas, que seus usuários nem sabem como se dá essa comunicação, se é feita por terra, por mar ou pelo ar.

Três fenômenos estão interrelacionados com essa mudança informacional: a convergência da base tecnológica; a dinâmica da indústria e a Internet. O primeiro vem da



possibilidade de processamento e reprodução de qualquer tipo de informação pela forma digital. Através dela a computação, os conteúdos e as comunicações se aproximam de forma vertiginosa. Hoje, um computador vira aparelho de TV, as fotos podem ser gravadas em um cd e temos agregado em um aparelho celular: fotos, músicas, jogos, GPS, vídeos, comunidades sociais, gravação de voz e acesso à Internet. A dinâmica das indústrias proporciona a queda nos preços de equipamentos eletrônicos, permitindo com isso, a popularização do uso desses meios. E finalmente, temos como consequência dos dois primeiros fenômenos, o crescimento acelerado da Internet. A conectividade internacional legitima esse crescimento e, torna a Internet um fator estratégico, fundamental, para o desenvolvimento das nações.

Contudo, toda essa mudança vai além dos computadores e das inovações na área de telecomunicações. As transformações estão ocorrendo nas relações sociais e econômicas, uma vez que a dinâmica dessas atividades tem ligação direta com a infra-estrutura das informações disponíveis. Seu impacto na dimensão político-econômica decorre da contribuição de infra-estrutura para tornar as cidades mais atraentes ou não, em relação aos negócios e empreendimentos. Na dimensão social, diminui as distâncias entre as pessoas e dissemina, de forma mais rápida, a informação.

Nossa maneira de viver, atual, inclui a tecnologia. Nossas atividades cotidianas mais comuns – como dormir, comer, trabalhar, ler, conversar, deslocarmo-nos para diferentes lugares e divertirmo-nos – são facilitadas graças às tecnologias a que temos acesso.



É importante destacarmos que existe uma distinção entre tecnologia e técnica. Kenski diferencia tecnologia de técnica quando diz que “Às maneiras, aos jeitos ou às habilidades especiais de lidar com cada tipo de tecnologia, para executar ou fazer algo, nós chamamos de técnica” (KENSKI, 2003, p. 18). E segue afirmando que as técnicas são transmitidas de geração em geração e se incorporam aos costumes e hábitos sociais de um determinado grupo de pessoas. Seguimos Kenski, quando ela afirma:

Ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade nós chamamos de ‘tecnologia’. Para construirmos qualquer equipamento – seja uma caneta esferográfica ou um computador –, os homens precisam pesquisar, planejar e criar tecnologias (KENSKI, 2003, p. 18, grifo do autor).

Muitos dos equipamentos e produtos que utilizamos em nosso cotidiano não são notados como tecnologia. “Alguns invadem nosso corpo, como próteses, alimentos e medicamentos. Óculos, dentaduras, comidas e bebidas industrializadas, vitaminas e outros tipos de medicamentos são produtos resultantes de sofisticadas tecnologias” (KENSKI, 2003, p. 19). Muitas vezes nem paramos para pensar o quanto foi preciso de estudo, criação e construção para que chegassem a nossas mãos. Concordamos com Kenski, quando ela diz que:

Tudo que utilizamos em nossa vida diária, pessoal e profissional – utensílios, livros, giz e apagador, papel, canetas, lápis, sabonetes, talheres...- são formas diferenciadas de *ferramentas* tecnológicas. Quando falamos da maneira como utilizamos cada ferramenta para realizar determinada ação, referimo-nos à



técnica. A tecnologia é o conjunto de tudo isso: as ferramentas e as técnicas que correspondem aos usos que lhes destinamos, em cada época (KENSKI, 2003, p. 19, grifo do autor).

Ouvimos muitas pessoas dizerem que estamos vivendo uma “era tecnológica”. No entanto, é muito difícil aceitarmos que apenas o atual momento possa ser chamado de “era tecnológica”. O professor Arnon de Andrade¹⁴ costuma afirmar que, desde o início da civilização, todas as eras correspondem ao predomínio de um determinado tipo de tecnologia. Portanto, todas as eras foram, cada uma à sua maneira, “eras tecnológicas”. Assim tivemos a Idade da Pedra, do Bronze... até chegarmos ao momento tecnológico atual.

A evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época. Alguns períodos são historicamente reconhecidos pelo avanço tecnológico correspondente. Podemos citar como exemplo a idade da pedra e do bronze que correspondem ao momento histórico-social em que foram criadas “novas tecnologias”¹⁵, para o aproveitamento desses recursos da natureza, de forma a garantir uma melhor

¹⁴ Notas de sala de aula (informação verbal).

¹⁵ O termo “novas tecnologias” está escrito entre aspas porque consideramos esse termo discutível. Segundo Arnon de Andrade, “o termo novas, na nomeação dessas tecnologias, designa o ultrapassado, o obsoleto, o dispensável, para tudo que supostamente não estiver nessa estreita área conceitual de tecnologia, não como instrumento, mas como emblema de



qualidade de vida. O conhecimento científico sobre esses recursos foram se ampliando e criando “novas tecnologias”, cada vez mais sofisticadas (KENSKI, 2003).

A organização social humana desenvolveu-se, portanto, de acordo com as inovações produzidas pelo tipo de tecnologia social utilizada. Em diferentes épocas, grupos de pessoas se organizaram em diferentes modelos de sociedade. Sociedade caçadora e coletora, nos primeiros agrupamentos; comunidades agrícolas e, depois, sociedades industriais.

Desse modo, podemos concluir que a evolução tecnológica altera comportamentos. É o que Tajra chama de “imperativo tecnológico: estado no qual a sociedade se submete humildemente a cada nova exigência da tecnologia e utiliza sem questionar todo novo produto, seja portador ou não de uma melhora real” (2001, p. 43). A ampliação e banalização do uso de uma determinada tecnologia transformam não apenas o comportamento individual, mas também, o de todo um grupo social. A descoberta da roda, por exemplo, mudou radicalmente as formas de deslocamento entre os grupos.

A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo, em diferentes épocas. O homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam suas maneiras de pensar, sentir, agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos (KENSKI, 2003, p. 21).

saber, poder e valor de mercado. Disponível em < <http://www.educ.ufrn.br/arnon>>.

Acesso em: 18 set. 2009.



É importante ressaltar que existem outros tipos de tecnologias que vão além dos equipamentos. Tajra (2001) classifica as tecnologias em três grandes grupos: as *tecnologias organizadoras* que são as formas como nos relacionamos com o mundo. Os métodos de ensino, seja tradicional, construtivista, são tecnologias de organização das relações de aprendizagem, são espaços que são utilizados como suporte, para que algumas ações ocorram; as *tecnologias simbólicas* que estão relacionadas com a forma de comunicação entre pessoas, como a linguagem oral, a linguagem escrita e, a linguagem digital (dos computadores); e as *tecnologias físicas* que são as inovações de instrumentais físicos, como a caneta esferográfica, o livro, o telefone, o aparelho celular. Nesta última, podemos citar, também, as TIC's que, através dos seus suportes, como jornal, o rádio, a televisão... realizam o acesso, a veiculação das informações e todas as inúmeras formas de relacionamentos simbólicos em todo o mundo.

Esse é um dos grandes desafios da educação na atualidade: viabilizar-se como espaço crítico em relação ao uso e à apropriação das tecnologias de comunicação e informação. Um saber ampliado e mutante caracteriza o atual estágio do conhecimento. Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. Abrir-se para novas educações – resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender, possibilitadas pela atualidade tecnológica – é um compromisso que deve ser assumido por toda a sociedade.



A educação na sociedade contemporânea: ao longo de toda a vida

A educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas. A evolução rápida do mundo requer uma atualização contínua dos saberes, o que nos leva a ideia de uma educação permanente, uma *educação ao longo de toda a vida*. Uma educação realmente dirigida às necessidades das sociedades modernas não pode continuar a definir-se em relação a um período particular da vida.

Nos dias de hoje, a divisão tradicional do ensino em períodos distintos da vida não atende às exigências individuais e sociais. Aquele tempo da infância e da juventude dedicados à educação escolar, o tempo da atividade profissional adulta e o tempo da aposentadoria são acompanhados por atividades educacionais cada vez mais diversificadas. A respeito disso, Delors diz:

[...] as missões que cabem à educação e as múltiplas formas que pode revestir fazem com que englobe todos os processos que levem as pessoas, desde a infância até o fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas, [...] (DELORS, 2006, p. 104).

E essa educação ao longo de toda a vida, além de uma adaptação necessária às exigências do mundo do trabalho, é a condição para um domínio mais perfeito dos ritmos e dos tempos da pessoa humana. Em virtude da competitividade de ordem econômica, das exigências de sociedades cada vez mais complexas, os saberes e as competências



adquiridos, na formação básica (inicial) tornam-se, insuficientes, dando lugar à formação continuada.

Contudo, nos referimos a uma educação ao longo de toda a vida que vai além das ambições profissionais. Esta deve fazer com que cada indivíduo saiba conduzir o seu destino de modo que homens e mulheres modifiquem as suas relações com o mundo e entre si, visando o equilíbrio, bem como ao exercício da cidadania.

Uma educação geral permanente deve estimular no aluno uma capacidade crítica que lhe possibilite ter um pensamento livre e uma ação autônoma. A educação deve ser um guia no exercício dos direitos individuais, fundados nas liberdades públicas, e a prática dos deveres e da responsabilidade em relação aos outros e às comunidades a que pertencem. O ensino deve ser, portanto, um processo de construção da capacidade de discernimento para se tornar uma linha de força da sociedade civil e da democracia.

Entendemos, portanto, que a educação permanente é uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, assim como, da sua capacidade de discernir e agir. Em suma, a educação ao longo de toda a vida, deve aproveitar todas as oportunidades. À medida que o tempo dedicado à educação se confunde com o tempo de vida de cada um, os espaços educativos, assim como as ocasiões de aprender, tendem a se multiplicar.

Desenvolver os talentos e as aptidões de cada indivíduo corresponde à missão primeira da educação. A equidade, as necessidades reais para o desenvolvimento humano,



o respeito ao meio ambiente humano e natural e, a diversidade de tradições e culturas devem orientar toda e qualquer política educativa.

Atualmente, um dos fatores mais importantes de desenvolvimento humano, tecnológico e de superação de desigualdade, é o conhecimento. Ele é o caminho que nos leva à criação de empregos qualificados e, conseqüentemente, a uma melhor qualidade de vida. Os reflexos da propagação do conhecimento podem ser observados no âmbito social, cultural e também econômico.

Nessa nova economia, não basta dispor de uma infra-estrutura moderna de comunicação; é preciso competência para transformar informação em conhecimento. E a educação é o elemento-chave para que indivíduos e organizações lidem com o novo e, garantam seu espaço de liberdade e autonomia. Sobre conhecimento, Paulo Freire pontua:

O conhecimento [...] exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (FREIRE, 2002, p. 27, grifo do autor).

Hoje, educar significa investir na criação de competências amplas o suficiente para permitir uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, assim como, aplicar com criatividade as novas mídias. Trata-se também de



formar indivíduos capazes de *aprender a aprender* de modo que possam lidar com as aceleradas transformações da base tecnológica.

Refletir sobre educação, na sociedade contemporânea, significa levar em conta uma série de aspectos que dizem respeito às tecnologias da informação e comunicação (TIC's), começando pelo papel destas, em uma sociedade que, na prática, não tem como prioridade a inclusão e a justiça social, logo, uma formação para a cidadania. Preparar o cidadão não significa preparar um consumidor. Significa preparar os indivíduos para a tomada consciente de decisões.

[...] a idéia de educação permanente [...] deve ser repensada e ampliada. É que, além das necessárias adaptações relacionadas com as alterações da vida profissional, ela deve ser encarada como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir. Deve levar cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia, e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão (DELORS, 2006, p. 18).

Aptidões necessárias à educação do século XXI

A temática das novas competências exigidas pela educação contemporânea é uma das que mais suscitam polêmica na área pedagógica por se tratar de uma noção fortemente relativa.



O autor Luiz Carlos Pais (2005) cita quatro competências que podem contribuir no processo educativo diante de desafios postos pela sociedade em que vivemos. São elas: *a criatividade, trabalhar com informações, a capacidade de transformar informação em conhecimento e superar o exercício da repetição.*

A *criatividade*, noção mencionada com frequência nos debates pedagógicos, não é uma simples inspiração do espírito humano, mas o resultado da produção de um pensamento autônomo, que não recai nas malhas da repetição e da cópia. Não há formação de saber que não valorize a dimensão do ato criativo. Criar é mergulhar nos limites humanos da produção. Acompanhamos um crescimento da automação por meio de equipamentos especializados em executar tarefas repetitivas, com muita rapidez e precisão. Contudo, a libertação do esforço físico tende a valorizar competências que atendam ao aspecto qualitativo da criação.

Quando se pensa em favorecer as condições do indivíduo em corresponder aos desafios do mercado de trabalho, outra competência se torna muito importante: *trabalhar com informações*. Autonomia, iniciativa, interesse e disponibilidade para buscar informações e desenvolver estratégias de resolução de problemas se tornam características necessárias para a efetiva construção da cidadania. E, para trabalhar com informações, é preciso habilidades para selecioná-las. Essa forma de aprender requer do indivíduo um engajamento diferenciado, o que significa saber buscar informações compatíveis com o problema estudado.



Outro desafio consiste em desenvolver a competência de *transformar informação em um conhecimento* vivenciado pelo sujeito. De acordo com Pais (2005), essa transformação representa a essência da cognição e não se realiza de forma evidente ou espontânea. A elaboração de conhecimento revela uma dimensão fortemente comprometida com o trabalho e a persistência do sujeito cognitivo. Segundo Pais,

Na prática, seleção, interpretação, análise e comunicação de informações lançam linhas para uma síntese cognitiva, mas exigem um envolvimento diferenciado do sujeito num permanente retorno à elaboração do saber, articulando múltiplas informações com situações vivenciadas no cotidiano (PAIS, 2005, p. 60).

A quarta competência apontada por Pais diz respeito à *autonomia*. Uma prática educativa voltada para a *repetição* pode sinalizar para um fracasso da educação. Através do computador ocorre a facilidade de executar as conhecidas operações do “copiar e colar”, com as quais, rapidamente um texto pode ser transferido da rede para o trabalho do aluno, por exemplo. Porém, apesar da facilidade, a aprendizagem não deve ser confundida com esse tipo de operação. O que está em jogo em situações como essa é a questão ética da propriedade intelectual, e mais importante ainda, a tentativa de fraudar o processo de avaliação.

Para fazer face ao risco de repetição, uma das competências a ser desenvolvida é a busca de maior autonomia na pesquisa de informações para a elaboração de conhecimento.



Essas competências, segundo Pais (2005), envolvem tanto a dimensão individual como coletiva e, são de grande importância para uma boa atuação frente aos desafios ditados pelo contexto social e econômico em que estamos inseridos.

Delors (2006, p. 89) também aponta para a necessidade premente do desenvolvimento de novas competências para o sucesso da aprendizagem e, necessárias para a educação deste século. Segundo o autor, a educação “deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro”.

Entre essas competências para o presente/futuro, citadas por Delors (2006), quatro são consideradas como sendo primordiais para a educação do século XXI, e são aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento:

[...] *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes (DELORS, 2006, p. 90, grifo do autor).

O primeiro pilar dessa base, o *aprender a conhecer*, visa não tanto aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento e pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e como uma finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada indivíduo aprenda a



compreender o mundo que o cerca, ao menos na medida em que isso lhe é necessário para viver de forma digna, para desenvolver bem as suas habilidades profissionais e, também para comunicar-se. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. Esse pilar exige um constante estado de aprendizagem e de busca pelo conhecimento, pois um espírito verdadeiramente formado, hoje em dia, tem necessidade de uma cultura vasta e da possibilidade de trabalhar em profundidade determinado número de assuntos. A cultura geral, enquanto abertura a outras linguagens e outros conhecimentos permite, antes de tudo, comunicar-se.

Paulo Freire afirma que sem comunicação é impossível dar-se o conhecimento. “O mundo humano é um mundo de comunicação”, acrescenta o autor. E o que caracteriza a comunicação é o diálogo. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber [...]” (FREIRE, 2002, p. 69). E completa afirmando que:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Concordamos com Paulo Freire, quando ele diz que sem o diálogo não há comunicação e, sem esta não há a verdadeira educação. O diálogo tem o poder de transformar a realidade. “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados¹⁶

¹⁶ Nas primeiras edições o termo usado por Paulo Freire é “mediado”.



pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 2005, p. 43). Várias são as competências necessárias para se compreender melhor o outro em um mundo em rápida transformação. Contudo, é oportuno ressaltar que o diálogo é fundamental para a aquisição de qualquer uma dessas competências.

A educação deve sustentar-se, também, no *aprender a fazer*. Essa segunda aprendizagem está associada à formação profissional.

Essa competência se apresenta como uma espécie de coquetel individual, combinado a qualificação, em sentido estrito, adquirida pela formação técnica e profissional, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe, a capacidade de iniciativa, o gosto pelo risco (DELORS, 2006, p. 94).

Qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes no mundo de hoje.

O terceiro pilar é o *aprender a viver juntos*, a viver com os outros a fim de combater as desigualdades. Sem dúvida, essa aprendizagem representa, atualmente, um dos maiores desafios da educação.

Aprendendo a viver juntos proporcionamos condições para se lutar contra os preconceitos geradores de conflitos latentes. A educação deve transmitir conhecimento a respeito da diversidade da espécie humana, assim como, deve conscientizar as pessoas das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta.



E o quarto e último pilar do conhecimento, apontado por Delors, é o *aprender a ser*, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com autonomia, discernimento, criatividade e responsabilidade pessoal. A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, ou seja, o desenvolvimento do espírito, do corpo, da inteligência, da sensibilidade, do sentido estético, da responsabilidade pessoal e da espiritualidade. Esse desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até à morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. “Nesse sentido, a educação é antes de mais nada uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade” (DELORS, 2006, p. 101).

Edgar Morin (2005a) aprofunda a reflexão a respeito da educação contemporânea e acrescenta sete saberes que, do seu ponto de vista, constituem eixos e, ao mesmo tempo, abrem caminhos a todos os que pensam e fazem educação. São saberes fundamentais para a educação e devem ser tratados, em toda sociedade e, em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada cultura. São eles: *as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; a ética do gênero humano*. Vejamos um pouco sobre cada um desses saberes.

As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão



A educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão. A teoria da informação mostra que existe o risco de erro sob o efeito de perturbações aleatórias ou de ruídos (*noise*), em qualquer transmissão de informação, em qualquer comunicação de mensagem (MORIN, 2005a, p. 19-20, grifo do autor).

De acordo com Morin (2005a), o conhecimento não é um espelho das coisas e do mundo externo, mas é resultado da nossa construção e reconstrução, sendo, portanto, uma interpretação. E como tal, está sujeito a erros, em função da subjetividade, da nossa visão particular do mundo e dos nossos princípios de conhecimento.

O conhecimento comporta sempre riscos permanentes de erros e ilusões. Ensinar àqueles que irão se defrontar com o mundo onde tudo passa pela informação veiculada em jornais, livros, manuais escolares, Internet é algo de fundamental importância. Portanto, “o conhecimento permanece como uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável” (MORIN, 2005a, p. 31).

Muitos sofrimentos e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora, no século passado. Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez.

Os princípios do conhecimento pertinente



O conhecimento do mundo como mundo é uma necessidade intelectual e vital. Um conhecimento não é pertinente porque contém uma grande quantidade de informações que, isoladas são insuficientes. É fundamental situarmos as informações organizando-as e contextualizando-as para que se tornem pertinentes e adquiram sentido. Para Morin, “[...] o conhecimento pertinente não é fundado numa sofisticação, mas numa atitude que consiste em contextualizar o saber” (2005b, p. 86).

Para o conhecimento ser pertinente, é extremamente importante a relação entre o todo (o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) e as partes; as partes e o todo e as partes entre si. Pascal, citado por Morin (2005) dizia:

[...] sendo todas as coisas causadas e causadoras, ajudadas ou ajudantes, mediatas e imediatas, e sustentando-se todas por um elo natural e insensível que une as mais distantes e as mais diferentes, considero ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes (MORIN, 2005a, p. 37).

Além disso, em todo ser vivo, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular, assim como, a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, em sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas.

E para melhor compreender não só o todo, mas as partes que compõem esse todo, é necessário a ativação de uma inteligência geral que, segundo Morin, deve ser incentivada pela educação, e afirma que: “A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em



formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral” (2005a, p. 39).

O uso total da inteligência geral pede o livre exercício da curiosidade. Paulo Freire ressalta o valor da curiosidade, quando diz:

A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua *aproximação* metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar (FREIRE, 1996, p. 85, grifo do autor).

Freire (1996) afirma que a pedra fundamental do saber é a curiosidade do ser humano. Para o autor, é a curiosidade que nos estimula a perguntar, a conhecer, a atuar, a perguntar mais e a re-conhecer. O exercício da curiosidade nos torna mais metodicamente perseguidores do entendimento do nosso objeto. Freire completa: “Não tenho dúvidas nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes [...]”. E segue dizendo que o “exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado da sua razão de ser” (FREIRE, 1996, p. 87).

O segundo Saber, “conhecimento pertinente”, nos mostra a necessidade de promover um conhecimento que seja capaz de apreender problemas globais e fundamentais para neles inserirmos os conhecimentos parciais e locais de um mundo complexo.



Ensinar a condição humana

A educação, deste século XXI, deve ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana reconhecendo a sua diversidade cultural. O ser humano é ao mesmo tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. Através da educação esta unidade complexa, que é o ser humano, foi desintegrada, fragmentada em disciplinas. A Sociologia mostra o destino social do ser humano, a Psicologia mostra seu destino individual, a História seu destino histórico, a Economia seu destino econômico. Mas, tudo isso se encontra separado. Como foi exposto no primeiro Saber proposto por Morin (2005a), todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. Portanto, conhecer o humano é, antes de qualquer coisa, situá-lo no universo, e não separá-lo dele.

O homem só se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. Se não dispusesse plenamente da cultura, “[...] seria um primata do mais baixo nível. A cultura acumula em si o que é conservado, transmitido, aprendido, e comporta normas e princípios de aquisição” (MORIN, 2005a, p. 52). Nesse sentido, de acordo com o autor,

A cultura é constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social (MORIN, 2005a, p. 56).



A educação deve preocupar-se em mostrar e ilustrar a complexidade do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Isso, certamente, conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, da consciência, da condição comum a todos os humanos e da diversidade dos indivíduos, dos povos e das culturas.

Ensinar a identidade terrena

O conhecimento dos desenvolvimentos da era planetária, que tendem a crescer no decorrer do século XXI, e o reconhecimento da identidade e consciência terrenas, que se tornam cada vez mais importantes a cada indivíduo e a todos, devem converter-se em um dos principais objetos da educação. É necessário que se compreenda não só a condição humana, mas também a condição do mundo humano.

A era planetária se iniciou com o estabelecimento da comunicação entre todos os continentes no século XVI. Porém, apesar de todas as partes do mundo se solidarizarem, as opressões e a dominação que devastaram a humanidade não desapareceram.

A união planetária é a exigência racional mínima de um mundo encolhido e interdependente. Essa união pede a consciência e um sentimento de pertencimento mútuo que nos una à nossa Terra. Todos os humanos, desde o século XX, vivem os mesmos problemas fundamentais de vida e de morte e estão unidos na mesma comunidade de destino planetário. Morin afirma que “é necessário aprender a ‘estar aqui’ no planeta [o



que] significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, [...] como humanos do planeta Terra; não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos” (2005a, p. 76). Morin completa, ao afirmar:

Estamos comprometidos, na escala da humanidade planetária, na obra essencial da vida, que é resistir à morte. Civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação que aspira não apenas o progresso, mas à sobrevivência da humanidade. A consciência de nossa humanidade nesta era planetária deveria conduzir-nos à solidariedade e à comiserção recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos. A educação do futuro deverá ensinar a *ética da compreensão planetária* (MORIN, 2005a, p. 78, grifo do autor).

Quando Morin fala de uma consciência para a solidariedade e para a comiserção recíproca, pensamos ser oportuno apontar para a importância de uma consciência ambiental. Como humanos do planeta Terra, devemos preservar o ambiente em que vivemos como um tesouro que temos a responsabilidade de guardar. Cuidar do meio ambiente pode ser entendido como mais um dos princípios morais e éticos da educação.

Enfrentar as incertezas

As ciências permitiram que adquiríssemos muitas certezas, mas também revelaram, ao longo da história, inúmeras zonas de incertezas. Sempre tivemos a ideia de que só as certezas deveriam ser ensinadas. Contudo, nos dias atuais, a história da vida e a complexidade das espécies não podem mais ser entendidas de modo linear. Em virtude



disso, a educação deve trabalhar, em todos nós, a consciência do risco e do acaso e ensinar princípios de estratégia que nos permitam enfrentar os imprevistos e a incerteza, modificando seu desenvolvimento em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo.

Morin (2005b, p. 99) assinala que a aquisição da incerteza “é uma das maiores conquistas da consciência, porque a aventura humana, desde seu começo, sempre foi desconhecida”. E afirma que é preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que valores são ambivalentes, em que tudo é ligado.

A maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. Este é, pois, uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro. Morin ressaltar que “Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (2006, p. 59). É preciso ter consciência de que todo destino humano implica uma incerteza irreduzível, até na absoluta certeza, que é a da morte, pois ignoramos a data.

Ensinar a compreensão

A compreensão é, a um só tempo, meio e fim da comunicação humana. Necessitamos, em todos os sentidos, de compreensão mútua, seja qual for o nosso grau de proximidade com o outro. Ensinar a compreensão constitui uma das bases mais seguras de uma educação para a paz, à qual estamos ligados por essência e vocação.



É importante, pois, distinguir explicação de compreensão. Segundo Morin, a explicação entende o ser humano como objeto que pode ser conhecido através de meios objetivos como altura, peso, cor da pele, enfim, indicadores morfológicos identitários. “Explicar é considerar o que é preciso conhecer como objeto e aplicar-lhe todos os meios objetivos de conhecimento” (2005a, p. 94). Já a compreensão visa entender o ser humano não apenas como objeto, mas principalmente, como sujeito, com suas ideias, inseguranças, alegrias ou tristezas. A compreensão não pode ser quantificada. A esse respeito, Morin destaca que:

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade (MORIN, 2005a, p. 93).

É importante deixar claro que nenhuma técnica de comunicação traz em si mesma a compreensão. Se a informação for bem transmitida e compreendida, proporciona a inteligibilidade, condição primeira necessária, mas não suficiente, para a compreensão.

Existem duas formas de compreensão: a intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. A compreensão intelectual passa pela inteligibilidade e pela explicação. Significa aprender em conjunto, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno). A compreensão humana vai além da explicação. Exige um



conhecimento de sujeito a sujeito. O outro é percebido como um sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco em um processo de empatia e de projeção.

Precisamos ficar atentos a situações que atrapalham, de algum modo, a compreensão. “Ruído”, polissemia, ignorância dos ritos e costumes do outro, diferença de Valores, incompreensão dos imperativos éticos e a impossibilidade de compreensão de uma estrutura mental em relação a outra são obstáculos intrínsecos às duas compreensões. E a incompreensão intelectual e humana dificulta a melhoria das relações entre indivíduos, grupos, povos e nações.

A compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana. Morin enfatiza que:

O ensino da compreensão é crucial, se estivermos de acordo sobre a idéia de que o mundo encontra-se devastado pela incompreensão e que o progresso humano, por menor que seja, não pode ser imaginado sem o progresso da compreensão (MORIN, 2005b, p. 95).

A ética do gênero humano

O sétimo e último Saber refere-se à “antropo-ética”, ou seja, a ética em escala humana. Somos seres humanos e também indivíduos; somos uma pequena parte da sociedade e também o fragmento de uma espécie. Carregamos em nós essa tripla realidade que se sustenta em sentido pleno: apoiam-se, nutrem-se e reúnem-se. Assim, indivíduo/sociedade/espécie não são apenas inseparáveis, mas co-produtores um do outro.



Cada um desses termos é, ao mesmo tempo, meio e fim dos outros. E é do seio dessa tríade complexa que emerge a consciência e o nosso espírito propriamente humano.

Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer a espécie humana (MORIN, 2005a, p. 17).

A tríade pode ser observada sob duas perspectivas: indivíduo/sociedade e indivíduo/espécie. Na primeira, indivíduo/sociedade, a ética nos conduz à ideia de democracia em que os indivíduos e a sociedade podem ajudar-se, desenvolver-se, regular-se e controlar-se mutuamente. Nas sociedades democráticas, o indivíduo é cidadão, pessoa jurídica e responsável. A democracia tem um elo vital com a diversidade de interesses e ideias e, com antagonismos.

Para salvaguardar a vida democrática e lhe conferir vitalidade e produtividade, é preciso proteger a diversidade de ideias e opiniões, bem como a diversidade de fontes de informação e de meios de informação. Os conflitos gerados pela diversidade só podem se expandir em obediência às regras democráticas. E desse modo,

Exigindo ao mesmo tempo consenso, diversidade e conflituosidade, a democracia é um sistema complexo de organização e de civilização políticas que nutre e se nutre da autonomia de espírito dos indivíduos, da sua liberdade de opinião e de expressão, do seu civismo, que nutre e se nutre do ideal Liberdade/Igualdade/Fraternidade (MORIN, 2005a, p. 108).



A democracia, que ainda não está generalizada em todo o planeta, supõe o civismo, que por sua vez supõe solidariedade e responsabilidade, ou seja, o desenvolvimento da antropo-ética.

A perspectiva indivíduo/espécie diz respeito à ética do gênero humano, ou seja, à perspectiva de civilizar a Terra. Trata-se de movimentos que têm por objetivo a cidadania terrestre.

Devemos nos empenhar para que a espécie humana se desenvolva com a participação dos indivíduos e das sociedades, proporcionando assim, o nascimento concreto da consciência comum e da solidariedade planetária do gênero humano.

E é sob a perspectiva de uma ética da formação do cidadão planetário que sempre supõe autoformação, inacabamento, compreensão e consciência de pertencimento à Terra-Pátria, que a Educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver tais competências e permanecerem, tanto quanto possível, donos de seu próprio destino e com isso, melhorando a oportunidade de progresso para as sociedades.

Entendemos a importância de todas essas competências e habilidades para a busca de uma educação cada vez mais qualificada. Acreditamos ser premente o debate em torno do atual avanço tecnológico e, suas conseqüentes transformações nas subjetividades, nas representações sociais e na cultura, constituindo-se, portanto, como indispensáveis pontos de pauta na agenda da Educação deste século. Pensamos que o universo educacional



necessita estar atento às mudanças e não ficar à margem desse processo. A tecnologia, por sua vez, deve juntar-se à educação na missão de buscar um ensino cada vez mais qualificado.



Referências

DELORS, Jacques. **Educação para o século XXI**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. **Educação: um tesouro a descobrir**. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosisca Darcy de Oliveira. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; Revisão técnica Edgar de Assis Carvalho. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005a.

_____. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgar de Assis (Org.). 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005b.



_____. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PAIS, Luiz Carlos. **Educação escolar e as tecnologias da informática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação:** novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade. 6. ed. São Paulo: Érica, 2001.

Twitter enquanto esfera pública virtual

Anna Karinna Dantas Bevilaqua¹⁷

Cristiane Clébia Barbosa¹⁸

¹⁷ Graduação em Bacharelado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Roraima. Discente da Pós-Graduação em Gestão Estratégica de Comunicação Empresarial na Universidade Potiguar (UnP). E-mail: karina.bevi@hotmail.com

¹⁸ Graduação em Licenciatura em Computação e Pós-Graduação em Gestão Estratégica da Tecnologia e Sistemas de Informação. Docente da Faculdade Natalense para o



RESUMO

O texto analisa a possibilidade de revitalização da esfera pública estilizada por Jürgen Habermas, a partir do surgimento da Internet e suas modalidades inéditas de interatividade e sociabilidade. A Internet possibilita um novo espaço para conversação, livre de censuras, onde acontece troca de ideias e conteúdos. Através destes recursos tecnológicos a sociedade passa a utilizar novas formas de comunicação como, por exemplo, o *microblog* Twitter, que vem sendo utilizado para promover e reforçar a participação democrática dos cidadãos em assuntos de interesse coletivo.

Palavras-chave: Esfera Pública. Habermas. Internet. Twitter.

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de comunicação humana vem dos tempos mais remotos, e durante a sua existência, o homem desenvolveu várias técnicas como meio de comunicação.

Desenvolvimento do Rio Grande do Norte (FARN) e Faculdade Estácio de Sá-Unidade Câmara Cascudo. E-mail: cristianeclebia@gmail.com

Prometeu - Projeto de Meios Tecnológicos em Educação Universitária.

Revista on-line da ComBase - Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação (DEPEd - PPGEd - UFRN).

Site: www.prometeu.educ.ufrn.br - Ano III - Nº 3 - junho/julho /agosto de 2010

Página 74



O surgimento das mídias eletrônicas veio revolucionar a comunicação e as relações sociais existentes, com todos os dispositivos interativos e multifuncionais que a envolvem. O público ganha mais um espaço dialógico, favorável à construção de uma opinião pública livre de constrangimentos e que permite uma diversidade de conteúdos informativos.

Os novos recursos tecnológicos substituem o contato territorialmente limitado, o que possibilita maior alcance e velocidade à informação a partir da interação entre vários autores, independente do tempo e espaço. É nesse novo cenário virtual que se dão as trocas de experiência, a continuação das narrativas e a apropriação do poder de fala à sociedade. O autor Pierre Lévy em sua obra sobre a *Ciberdemocracia* destaca:

A evolução contemporânea da liberdade de expressão no ciberespaço, assim como a explosão quantitativa e qualitativa da rede parece levar a uma situação em que todas as instituições, empresas, grupos, equipas e indivíduos se tornarão o seu próprio meio de comunicação [...] (LÉVY, 2002, p.53)

A Internet evolui no início do século XXI e modifica o conceito de comunicação por oferecer potencialidades de auto-expressão, sem que ocorram coerções. Os usuários da rede podem produzir e compartilhar informação, sem que esta esteja sujeita a controle, revisão ou sansão do Estado.

Diante destas potencialidades interativas, o estudioso da *cibercultura*, Pierre Lévy, em sua obra recente sobre a *Ciberdemocracia*, defende que a esfera pública proposta pelo filósofo alemão, Jürgen Habermas, emerge novamente com a Internet e com todo potencial democrático que ela oferece. Assim para investigar se a rede configura realmente as



condições de comunicação propícias para que se tenha um espaço verdadeiramente democrático, se faz necessário utilizar como suporte o projeto teórico *habermasiano*¹⁹ (BRITTES, 2009), que defende uma esfera pública autônoma, edificada por meio da troca pública de opiniões e alimentada por uma racionalidade comunicativa.

A proposta deste estudo é analisar as características da rede social Twitter, enquanto esfera pública virtual, dentro do contexto da política contemporânea. Investigar o progressivo desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas e suas modalidades inéditas de interação comunicativa e revitalização da esfera pública.

Percebe-se que com o aperfeiçoamento das redes cibernéticas, a Internet passou a configurar uma importante ferramenta democrática, onde o debate acontece, fora das arenas formais do sistema político. O público passa a expressar suas opiniões, a fazer realmente uso da palavra, o que o leva a criar uma consciência crítica de seu papel na sociedade e a participar diretamente das discussões dos rumos da sociedade ao qual está inserido.

Através deste veículo, as ações e atitudes das autoridades governamentais podem ser confrontadas e criticadas através do argumento racional e livre. A grande rede possibilita ainda, uma troca irrestrita de conteúdos, onde as discussões transcendem as fronteiras do Estado e ganham uma repercussão global.

¹⁹ Habermasiano: diz respeito à teoria social do filósofo alemão Jürgen Habermas.



A guisa de exemplo, a atual crise do Senado brasileiro ficou evidente a influência da Internet nas decisões políticas do país, através deste instrumento, o cidadão, que não tinha voz, passou a cobrar mudanças, e a exigir soluções.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Esfera Pública

No início do século XVIII, com a emergência do capitalismo comercial, os salões das casas de café em Paris e Londres se transformaram em fóruns de discussão e debate. Nesses locais, os indivíduos particulares se reuniam para discutir assuntos literários, problemas de interesses coletivos e questões políticas. E é exatamente neste contexto, que se dá o surgimento da chamada “esfera pública”. Na definição de Habermas:

Esfera pública pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentadamente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social. (HABERMAS, 1984, p.42)

A distinção entre público e privado tem sua origem na Grécia antiga, o termo “esfera da polis” já era utilizado para designar o lugar comum aos cidadãos livres



(HABERMAS, 1984). Na cidade-estado grega, a vida pública não se restringia apenas a um local, seu caráter público se constituía na conversação e exposição de ideias. O modelo ideológico da esfera pública transmitido pelos gregos manteve-se ao longo dos séculos, mas ele acaba assumindo outra forma com o surgimento do Estado moderno. Mesmo diante das constantes transformações, a esfera pública defendida por Habermas, continua sendo um princípio organizacional do ordenamento político e que, se propõe tentar compreender a própria sociedade.

Em sua obra inicial sobre a mudança estrutural da esfera pública, Habermas (1984) busca construir uma teoria centrada no debate deliberativo fora das arenas formais, pelos quais cidadãos conseguem expor suas opiniões, críticas e necessidades, com total liberdade, através de uma discussão racional. A esfera pública faz mediação entre o sistema político e o privado e se apresenta como uma rede complexa, que transcende as fronteiras regionais, nacionais, internacionais e culturais. É considerado um canal legítimo para as vozes marginalizadas da sociedade.

Nos últimos 60 anos, com o surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação ocasionou grandes transformações sociais. A esfera pública, que antes era fomentada pela mídia impressa, foi pressionada, e o debate livre passou a ser ditado pelos interesses das organizações industriais, e pelo estado intervencionista. Logo, a imprensa se desqualifica de sua função, enquanto suporte material da esfera pública e, conseqüentemente, perde seu caráter crítico. O público pensante, que era alimentado pela



publicidade, torna-se consumidor das campanhas publicitárias promovidas com propósitos manipuladores. Na visão de Habermas,

Se as leis do mercado, que dominam a esfera da troca de mercadorias e do trabalho social, também penetram na esfera reservada às pessoas privadas enquanto público, o raciocínio tende a se converter em consumo e o contexto da comunicação pública se dissolve nos atos estereotipados da recepção isolada. (HABERMAS, 1984, p.191)

A comercialização da comunicação de massa transformou a informação em mercadoria, comprometendo o livre exercício da opinião pública, em prol de interesses econômicos privados. Por meio disso, ocorre uma re-feudalização²⁰ da esfera pública, em termos similares, pode-se dizer que se trata de uma clientelização. (REESE-SCHÄFER, 2008)

As novas mídias eletrônicas surgem para modificar este cenário, aproximando as relações entre os atores sociais, que passam a exercer um papel ativo nas decisões que afetam a sociedade na qual está inserido.

²⁰ Jürgen Habermas utiliza essa expressão para fazer uma analogia do poder dos senhores feudais em definir o que seria certo ou errado, comparando aos tempos atuais, com o poder dos empresários da comunicação que detém o mesmo poder e decidem o que deve ou não ser publicado ou veiculado.



Para Lévy (2002), este atual contexto propiciado pela Internet faz surgir uma esfera pública mundial.

2.2 Internet

A rede mundial de computadores, ou Internet, surgiu nos anos 60, em plena Guerra Fria. Foi criada com objetivos militares, para manter as comunicações em caso de ataques inimigos que destruíssem os meios convencionais de telecomunicações norte-americanos. Assim, nasceu a ArpaNet, desenvolvida pela *Advanced Research and Projects Agency-ARPA* em 1969, com o objetivo de conectar os departamentos de pesquisa às bases militares. (CARVALHO e LOTITO, 2005).

A Internet pode ser em síntese, definida como um conjunto de redes de computadores interligadas que tem, em comum, um conjunto de protocolos e serviços, de uma forma que os usuários conectados possam usufruir de serviços de informação e comunicação de alcance mundial.

Nas décadas de 1970 e 1980, além de ser utilizada para fins militares, a Internet também foi um importante meio de comunicação acadêmico. Estudantes e professores universitários, principalmente dos EUA, trocavam ideias, mensagens e descobertas através da rede mundial. (CARVALHO e LOTITO, 2005).

Foi somente no ano de 1990 que a Internet se popularizou. Neste ano, o engenheiro inglês Tim Bernes-Lee desenvolveu a rede de alcance mundial, possibilitando a utilização



de uma interface gráfica e a criação de *sites* (QUITTNER, 1999). A partir deste momento, a Internet cresceu em ritmo acelerado. Segundo análise feita pelo Instituto do Futuro (BERTOCCHI, 2009), na Califórnia, para atingir 50 milhões de usuários, a eletricidade levou 46 anos, a televisão 26 anos e o celular 13 anos. A Internet, por sua vez, alcançou esta marca em apenas quatro anos. E este fato aconteceu entre 1995 e 1999.

Atualmente, a população mundial é estimada em aproximadamente 6,6 bilhões de pessoas. Desse total, cerca de 1,4 bilhões de usuários possuem acesso à Internet, segundo levantamento feito pela *Internet World Stats*,²¹ que monitora dados da rede. A América Latina conta com quase 10% dessa fatia, o que corresponde a aproximadamente 140 milhões de usuários. O Brasil, especificamente, tem 42,6 milhões desse total. A pesquisa revela ainda, que o Brasil é o sexto país em número de internautas, ficando apenas atrás dos EUA, China, Índia, Japão e Alemanha ([Internet World Stats](#), 2009). Dados da Nielsen/NetRatings²² apontam que o tempo médio mensal de navegação na Internet dos brasileiros é de 22 horas e 24 minutos, um líder nesse aspecto (Nielsen/NetRatings, 2006).

²¹ Internet World Stats, é uma diretoria gratuita para pesquisa de mercado na Internet, seu objetivo é disponibilizar estatísticas de utilização e números de população da Internet para mais de 233 países e regiões em todo o mundo.

²² Nielsen/NetRatings faz mensuração do comportamento dos usuários da Internet. Está presente em dez países, por meio de um painel de internautas do mercado, com mais de 200 mil colaboradores.



Desse total, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE²³, mais de 50% dos usuários são jovens, com idade média de 28 anos.

A Internet registrou o mais rápido crescimento em toda a história da humanidade. Caso este ritmo seja mantido, a previsão é que em 2010 será superada a estimativa de dois bilhões de usuários, feita originalmente para 2015, por organizações que monitoram o desenvolvimento da Web, como a *Internet World Stats*. Nos dias atuais, é impossível pensar no mundo sem a existência da Internet.

2.3 Cibercultura

Com o advento da Internet a humanidade passou a viver cercada por equipamentos eletrônicos, digitais, conectada num mundo virtual e tecnológico. Essa nova era, teve início nos anos 50, mas apenas nos anos 80 se popularizou na área da comunicação.

As mídias digitais tornam se cada vez mais rápidas, de fácil utilização. Com elas as distâncias geográficas e sociais foram encurtadas, dando espaço para o surgimento de uma nova cultura.

O ciberespaço, que Lévy (1999) também chama de “rede” é um meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Quanto à *cibercultura*, o autor afirma que se trata de:

²³ Cf.: <http://www.ibge.gov.br>



[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVI, 1999. p.17)

Lévi (1999) afirma que são três os princípios fundamentais para a *Cibercultura*: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

O primeiro princípio, a interconexão, derruba barreiras entre a humanidade; o segundo princípio é uma extensão do primeiro, pois as comunidades virtuais têm sua sustentação através da conexão de ideias promovidas pela interconexão da inteligência coletiva, terceiro princípio.

Através das mídias sociais foi estabelecida uma mudança na forma como a informação era difundida na mídia tradicional, num modelo “um para todos”, onde o conteúdo era distribuído por um detentor da mídia. Agora todos podem produzir, divulgar e cooperar nos conteúdos, num modelo “todos para todos”. (LÉVY, 1999)

As comunidades virtuais se baseiam em um processo cooperativo ou de troca, independente da localização geográfica em que se encontram os indivíduos participantes.

Comunidades virtuais ou redes sociais on-line é uma página publicada na rede mundial de computadores, onde as pessoas criam seu perfil e o “alimentam” com informações pessoais, fotos, acrescentando a isto uma lista de amigos virtuais, ou não, que também fazem parte da comunidade. É um espaço onde as pessoas trocam informações, como se fosse uma grande “praça virtual”.



2.4 Twitter

Através da Internet é possível o compartilhamento de memória, aumentando assim, o potencial da inteligência coletiva. A informação circula na Internet com muita velocidade, gerando na sociedade o desejo de não só acessar o que está sendo produzido, mas também tornar-se produtor.

O *microblog* Twitter²⁴ é uma plataforma que oferece conteúdo de forma imediata, pois dispõe de informação em tempo real, que podem ser expostas em textos curtos, de até no máximo, 140 caracteres e as reações e respostas são instantâneas.

O *Twitteiro*²⁵ pode “seguir” e ser “seguido” por outros *Twitteiros* inscritos na plataforma, o que facilita a recepção de novas atualizações de mensagens.

O Twitter se popularizou e os limites entre público e privado na Internet mais uma vez estão sendo desafiados. Como toda ferramenta tecnológica, ele é apenas um meio que pode ser usado, de acordo com o interesse e conveniência de quem está na *Twittosfera*²⁶. Podendo ser utilizado para se relacionar com as pessoas, mostrando seu trabalho,

²⁴ Cf.: <http://www.twitter.com>

²⁵ Neologismo criado para o usuário do *microblog* Twitter.

²⁶ Neologismo criado para definir o conjunto das pessoas que usam o Twitter. É uma analogia com a *blogosfera*, dos *blogs*.



encontrando ou divulgando novas oportunidades, além de poder expressar sentimentos íntimos, dizer o que está pensando, fazendo, lendo, vendo e até comendo no momento.

Este *site* social foi criado em 1992 por Jack Dorsey, programador que desenvolvia programas para rastrear motoristas de taxi, mas foi em 2006 com Biz Stone e Evan Willians que a ideia ganhou forma. (MARTINS e LEAL, 2009)

Uma pesquisa realizada pela *comScore* em junho de 2009, demonstrou que o Twitter cresceu 1460% em relação a junho de 2008, atingindo mais de 44 milhões de usuários, desses, 45% estão nos Estados Unidos. (SPYER, 2009)

No Brasil, a *Sysomos* divulgou em junho de 2009 uma pesquisa onde o país aparece em quinto lugar em termos de crescimento absoluto de adesão ao Twitter. Outra pesquisa realizada pelo Ibope/Nielsen On-line divulga que os brasileiros já são maioria no Twitter. Os números divulgados pela pesquisa são de que 15% dos brasileiros com acesso a Internet acessaram o *microblog*, seja em casa ou no trabalho. (SPYER, 2009)

Através da facilidade em se publicar conteúdo no Twitter, a sua utilização está sendo difundida onde, muitas vezes, a imprensa não consegue cobrir de forma adequada, seja por “censura” ou por dificuldade de acesso, como no caso do *tsunami* em 2004 onde as informações eram transmitidas através de *blogs*. Em novembro de 2008, o *microblog* Twitter ganhou fama mundialmente com o atentado terrorista ao Hotel Taj Mahal em Bombaim, centro financeiro da Índia. A ferramenta possibilitou aos indianos, turistas e reféns, o envio de mensagens e notícias, do que estava se passando no país, em tempo real. (MARTINS e LEAL, 2009)



Durante a eleição presidencial no Irã, realizada no dia 12 de junho de 2009, houve denúncias de fraude eleitoral contra o presidente reeleito, Mahmoud Ahmadinejad. Uma forte onda de manifestações e protestos tomou conta do Teerã e o governo respondeu com prisões e censura aos veículos oficiais de comunicação do país. A população mundial só teve acesso às notícias, porque os iranianos driblaram a censura e utilizaram o Twitter como recurso para propagar informações. Os microtextos escritos por celular e fotos foram postados em tempo real, mostrando o clima de tensão do país. Até mesmo as manifestações realizadas, pelos grupos opositores foram arquitetadas e coordenadas através do *microblog*.

A imprensa, como foi impossibilitada de realizar qualquer tipo de cobertura, teve que recorrer, também, ao Twitter como fonte de informação. Segundo o professor Charles Harb (BBC, 2009), da Universidade Americana de Beirute e especialista em mídia social, "Em uma região onde governos seguidamente tentam monitorar a mídia e o fluxo de informação, a Internet se transformou em um canal incontrolável de propagação de ideias".

No Brasil, o *microblog* também foi utilizado numa tentativa de manifestação popular pelos usuários do Twitter para pedir a saída do presidente do Senado, demonstrando que através das redes sociais pode-se ter uma maior expressividade da sociedade colocando-se no centro do debate social, aproximando pessoas com o mesmo objetivo.

2.5 Internet Enquanto Esfera Pública



A Internet surge no século XXI como uma arena virtual de discussão, que permite aos seus usuários, o contato e a difusão de informação, sem a necessidade de permissão dos veículos de comunicação já consolidados. Cada indivíduo busca a informação que deseja, podendo criticar, concordar e até modificar. Assim, Lévy (2002) destaca a revitalização da esfera pública, a partir da liberdade de associação e de participação proporcionados por essa mídia social. Em suas formulações, Habermas ressalta a esfera pública como:

A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos. (HABERMAS, 1997, p. 92).

As novas tecnologias de informação e comunicação proporcionam um novo ambiente conversacional, mais transparente e universal. Os espaços da antiga esfera pública são ampliados e diversificados, contribuindo assim para um aumento na participação popular diante das questões de interesse coletivo. Essa emergência do ciberespaço e toda a liberdade que ela implica nos remontam aos estudos da *Ciberdemocracia*, de Pierre Lévy (2002). Segundo o autor, o ciberespaço, proporciona uma liberdade de expressão e comunicação em uma escala planetária sem comparação a todos os outros *media* anteriores.

A mídia digital está revolucionando o conceito de cidadania democrática. Já é possível encontrar governos eletrônicos, o que possibilita mais transparência ao serviço dos



cidadãos, as organizações econômicas estão socialmente mais responsáveis e ocasionou um aumento de espaços virtuais de deliberação e de diálogo político. Cada indivíduo pode escolher a partir de um computador, entre rádios, televisões e jornais disponíveis a abordagem que melhor traduz a informação desejada. Desta forma, começa a emergir uma autêntica profundidade temporal, com a disponibilidade de diversas narrativas envolvendo o mesmo assunto. Lévy destaca:

Com a imprensa, o tempo acelerou para se tornar revolucionário: revoluções científicas, religiosas, industriais, políticas. A emergência do ciberespaço, novo salto fundamental na história da linguagem, também apressa a transformação do tempo. A velocidade normal da evolução cultural deu lugar ao tempo real. (LÉVY, 2002, p. 23)

Os Estados Unidos, por exemplo, incentiva o governo eletrônico. Desde junho de 2000, está disponível um balcão único no ciberespaço do governo federal, com o objetivo de responder todos os pedidos de informações feitos pelos cidadãos. O presidente na época, Bill Clinton, utilizou a própria Internet para fazer o lançamento desse *site* e, declarou que a maior parte das transações entre governo e cidadão, a partir daquela data, seria feito por este meio. Atualmente, o *First Gov* continua em serviço e está organizado de acordo com o princípio de um motor de busca, comparável ao *site* de buscas *Google*. O usuário pode ter acesso a todos os documentos da máquina política americana, inclusive formulários e procedimentos administrativos, judiciais e legais. A administração Bush prosseguiu com os esforços para promover e ampliar o serviço. Além deste recurso, os americanos contam



hoje com vários *sites* de informação política apartidária, como o Dnet.org que reúne informações de todos os candidatos às eleições. A *Democracy on-line* também é outro *site* bastante acessado por promover o debate político na rede.

A assessoria do atual presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, fez do Twitter, durante campanha presidencial, um instrumento de interação com seus apoiadores e também, um meio de informar a imprensa e a seus eleitores sobre o andamento da sua campanha. A página do Twitter de Obama alcançou mais de 1,2 milhões de seguidores. O sucesso foi tão grande, que inspirou políticos de diversos países a aderirem à nova ferramenta.

Na era da comunicação eletrônica, todas as manifestações políticas ganham repercussão em escala planetária, onde os movimentos oposicionistas e as organizações ativistas podem coordenar suas ações e manifestações em tempo real, com menores custos e melhores resultados. Nenhuma bandeira é levantada isoladamente, a grande rede agrupa, reúne ideias, favorece a troca irrestrita de experiências e conteúdos, com uma gama de possibilidades democráticas mais plural, dinâmico e que influencia os rumos da esfera pública política.



A EMC Corporation em colaboração com a International Data Corporation-IDC²⁷ apresentou, em 2006, um estudo sobre o crescimento da produção da informação digital a nível mundial até 2010. Segundo levantamento, em 1996, somente 48 milhões de pessoas utilizavam a Internet regularmente. A Web tinha apenas dois anos de existência. Em 2006, havia mais de um bilhão de usuários de Internet. A IDC projeta que em 2010 mais 500 milhões de usuários vão estar conectados. O estudo refere ainda que, em 2006, a quantidade de informação digital criada, copiada e reproduzida em todo o mundo foi superior a 160 milhões de gigabytes. Para se ter noção da grandeza do valor, este corresponde a três milhões de vezes a informação que existe em todos os livros escritos.

Neste novo cenário, o cidadão não se detém mais a ser expectador dos acontecimentos, ele se torna protagonista na produção da informação. São pessoas comuns que passam a assumir, em dadas circunstâncias, funções de jornalistas. Esses novos profissionais não precisam de muitos recursos, em algumas situações, apenas um aparelho de celular é necessário para produzir textos e imagens e transmiti-las ao mundo, através da Internet.

²⁷ A EMC Corporation desenvolve tecnologia para gerenciamento e armazenamento de informação. A IDC também explora novas dimensões do universo digital e discute as implicações para os indivíduos, empresas e sociedade. As duas empresas juntas realizaram uma pesquisa pioneira intitulada “O Universo Digital em expansão: uma previsão do crescimento mundial da informação até 2010”



O Brasil também possui bons exemplos da influência da Internet nas questões que afetam a sociedade. Recentemente, com a crise do senado e o escândalo dos atos administrativos secretos, a população utilizou recursos tecnológicos inovadores com propósitos democráticos. Além da forte pressão popular, através de *blogs* e *microblogs*, foram coordenadas manifestações on-line para se concretizarem em vários estados brasileiros, no mesmo dia e horário.

Estamos assistindo o que Marshall McLuhan previra em 1960, ao crescimento progressivo de uma consciência política global. Ele afirmava que, “eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila, já não é mais que uma aldeia global.” (MCLUHAN, 1968).

A esfera pública virtual é a formação da opinião pública com liberdade de expressão, através de comunidades virtuais com interconexão e inteligência coletiva, numa relação de trocas entre a sociedade, graças ao avanço da tecnologia, mas comandada pelas pessoas.

3 CONCLUSÃO

O desenvolvimento das mídias eletrônicas representa um marco diferencial para a comunicação, com todo o arsenal de possibilidades para que o usuário possa se engajar, construir sua própria opinião, refletir sobre uma diversidade de conteúdos, participar



diretamente de debates e influenciar as decisões, através de uma argumentação racional e livre.

A Internet põe as pessoas em contato numa ágora²⁸ virtual, e permite aos atores políticos uma maior proximidade com aqueles que o elegeram e que são afetados pelas suas decisões. Esse espaço dialógico acontece num ambiente sem mediação, sem burocracia, garantindo o anonimato, fato que contribui para uma discussão livre de medo e de intimidação.

O autor Pierre Lévy (2002) é tão otimista em seus estudos a respeito das perspectivas da *ciberdemocracia*, que ele acredita no desenvolvimento de uma consciência política global, na tendência da livre associação e na multiplicação de comunidades virtuais, como o caso específico do Twitter. Este *site* social vem sendo considerado uma ferramenta ágil e inovadora, bastante utilizada por políticos de vários países, que estão se apropriando deste recurso para dar mais transparência as suas ações.

O Twitter vem superando as previsões de crescimento e de volume de informação postada na rede (Nielsen, 2009). A população mundial pode acompanhar o poder dessa mídia, através da cobertura dos atentados à Bombaim, na Índia, e ainda, recentemente, na última eleição realizada no Irã. Pessoas comuns, munidas de celulares, *IPhones*, câmeras digitais, notebooks, tiraram fotografias, filmaram e escreveram o que ali se passava em

²⁸ Na cidade-estado grega, este termo era utilizado para definir a praça pública, local onde os cidadãos se reuniam para discutir assuntos políticos.



tempo real, para poder ser acompanhados pelo restante dos usuários ao redor do mundo que, por sua vez, passou a alimentar as próprias mídias tradicionais que estavam sob forte censura. Os iranianos além de gerar notícias ao mundo utilizaram o Twitter como recurso agregador. Aliaram forças, coordenaram passeatas e movimentações on-line, que tiveram grande adesão da população.

Percebe-se que o poder de governar estará cada vez mais, nas mãos das multidões de usuários da rede que terão um papel determinante na elaboração da política mundial. Na visão de Lévy (2002), chegará a um momento em que a participação do cidadão em debates políticos não será motivada apenas por fatores emocionais e sim pelo sentimento de dever e responsabilidade social perante a sociedade.

Com uma estrutura simples, que permite agilidade na transmissão e uma cobertura, em tempo real, sobre eventos que ainda estão em andamento, o *microblog* tem sido muito utilizado por jornalistas, seja como fonte de pesquisa ou meio de divulgação. Nesta era tecnológica, qualquer celular pode se tornar uma unidade móvel de reportagem.

Fica evidente o potencial do Twitter como uma ferramenta da esfera pública virtual, já que oferece oportunidade para disseminar ideias, sejam elas alternativas, como também pensamento crítico, além de discussões públicas sobre diversos temas, por serem espaços públicos democráticos, que todos podem ter acesso e opinar, conforme o conceito de esfera pública de Jürgen Habermas.



4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOCCHI, Sônia Regina. **Entender, criticar e incorporar novas tecnologias.** Disponível em http://www.educarede.org.br/legado/internet_e_cia/informatica.cfm?pagina=informatica_principal&id_inf_escola=8. Acesso em 08/08/2009.

BBC-British Broadcasting Corporation. http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/06/090616_iranianosinternetts.shtml. Acesso em 11/08/2009.

BRITTES, Juçara G. **A revitalização da esfera pública habermasiana pela comunicação ciberespacial.** Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 11/07/2009.

CARVALHO, Gustavo de; LOTITO, Alberto. **Tecnologias de Acesso à Internet.** Editora: Novatec, 2005.

EMC Corporation. Disponível em <http://www.emc.com/collateral/analyst-reports/expanding-digital-idc-white-paper.pdf>. Acesso em 10/08/09.



HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Tradução de F. B. Siebeneichler. Título original: *Faktizität und Geltung. Beiträge zur Diskurstheorie des Recht unddes demokratischen Rechtsstaats*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

Internet World Stats. Disponível em www.internetworldstats.com/blog.htm. Acesso em 08/08/09.

LÉVY, Pierre. **Ciberdemocracia**. Trad. Alexandre Emílio. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2002

_____. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MARTINS, Ivan e LEAL, Renata. **O Twitter vê e mostra tudo**. Revista Época. Edição 565. Editora Globo S/A, 14/03/2009.



MCLUHAN, Marshall. **Understanding media** [1964]. Trad. bras. São Paulo: Cultrix, 1968.

QUITTNER, J. **Tim Berners-Lee**. Folha de São Paulo/Time Magazine, 25/03/1999.

REESE-SCHÄFER, Walter. **Compreender Habermas**. Trad. Vilmar Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Série Compreender)

SPYER, Juliano. **Tudo o que você precisa saber sobre Twitter (você já aprendeu em uma mesa de bar)**. Um guia prático para pessoas e organizações. Talk: (talk2.com.br). Disponível em <http://www.scribd.com/doc/18384369/Manual-Twitter-Melhor-resolucao-0-MB>. Acesso em 11/08/2009.

Incursão pelo ensino fundamental: da teoria à prática, teoricamente – uma análise do percurso entre a sala de aula e a inclusão digital²⁹

²⁹ Este trabalho é parte integrante do relatório de estágio docente intitulado Teoria e realidade: conceitos para assimilação do saber no ensino fundamental desenvolvido sob a



Lizaine Weingärtner Machado³⁰

Marcelo Fistarol³¹

Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: O fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie nisso os seus ensinamentos (David Paul Ausubel).

Resumo

orientação da Prof^a Daniela Bunn e apresentado ao Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2009/2.

³⁰ Bacharelanda e Licencianda do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: lizainewm@yahoo.com.br

³¹ Licenciando do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: mfldezep@yahoo.com.br



Análise da experiência de estágio docente na disciplina de Português em uma escola pública estadual utilizando como referência teórica para sua realização a *teoria da aprendizagem verbal significativa*, elaborada por David Paul Ausubel, e a utilização da informática como ferramenta para construção de um ensino eficaz.

Palavras-chave: Estágio; Português; *Internet, Blog*.

Neste trabalho pretendemos, *grosso modo*, analisar nossa experiência docente na disciplina de Português em uma turma de sexta série do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual em Florianópolis/SC, oriunda do estágio curricular obrigatório exigido para conclusão do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas (Licenciatura) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e discutir a inclusão digital e o uso da informática na construção de um ensino realmente eficaz.

O estágio obrigatório, a que nos referimos, estipula, basicamente, que sejam observadas oito aulas em uma turma de Ensino Fundamental e, posteriormente, ministradas oito aulas por estagiário, tendo por base o projeto de estágio confeccionado anteriormente, onde são elencadas a forma como o estágio se dará, além, obviamente, do aporte teórico que será utilizado para esse fim. Pautamos nosso projeto de docência na *Teoria da aprendizagem verbal significativa* do psicólogo estadunidense David Paul Ausubel, cuja



idéia central “[...] é a de que o fator isolado mais importante influenciando a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe”. (MOREIRA; MASINI, 1982).

Os Estudos de Ausubel

Ausubel, que inicia seus trabalhos nos anos 60 sob uma perspectiva cognitivista acerca dos processos educacionais, entende o aprendizado como a modificação constante dos conhecimentos que vão sendo adquiridos.

O cerne dos estudos e propostas de Ausubel pode ser considerado como a noção de *aprendizagem significativa*, aquela que acontece por meio das descobertas do aluno, que se produz pela relação dos novos conhecimentos ligando-se de alguma maneira aos já internalizados. Uma informação nova fazendo sentido dentro da rede dos conhecimentos que o aluno já possui seria, segundo Ausubel, muito mais significativa do que uma informação que não pudesse fazer as relações necessárias na mente do aluno, caso este que ele chama de *aprendizagem receptiva*.

No processo da aprendizagem receptiva, são apresentadas informações que não estão no nível dos conceitos cognitivos. Um exemplo disso são as tabelas que muitas vezes temos de memorizar e/ou dados cujos procedimentos que levaram a eles não nos é apresentado. Então, segundo Pelizzari (2002),

quando o conteúdo escolar a ser aprendido não consegue ligar-se a algo já conhecido, ocorre o que Ausubel chama de aprendizagem mecânica, ou seja,



quando as novas informações são aprendidas sem interagir com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva. Assim, a pessoa decora fórmulas, leis, mas esquece após a avaliação. (p. 38).

Se a informação for apresentada de uma forma que nos permita o acesso ao nível dos conceitos, será de muito mais fácil apreensão, mais dificilmente se perderá na memória e, caso aconteça de se perder, dependendo da relação que essa informação possui com o restante dos nossos conhecimentos, pode ser facilmente recuperável.

O que permite que um novo conceito se forme em nossa mente, segundo Ausubel, é o que ele chama de *conceito inclusor*, pois este conceito oferece a ligação para o novo conceito, o que se faz através da “inclusão obliteradora”, momento em que o conceito que está sendo apresentado vai se adaptando à mente do aluno de tal forma que não corresponde exatamente ao que foi apresentado e, também, acaba modificando o próprio conceito que lhe permitiu a assimilação, sendo esta a terceira etapa do processo, na qual o novo conceito já está incorporado à mente do aluno.

O processo de assimilação pode ser feito, de acordo com Ausubel, de três maneiras, sendo a primeira denominada de *aprendizagem subordinada*, na qual os novos conceitos se subordinam aos já existentes numa relação hierárquica; a segunda maneira é a *aprendizagem supra-ordenada* através da qual, há uma reorganização dos conceitos anteriores e os novos de forma a reestruturar as hierarquias de maneira coerente; por fim temos a *aprendizagem combinatória*, em que a relação hierárquica não existe, como nos casos em que há assimilação por analogia.



Para que a aprendizagem significativa aconteça, efetivamente, devem ser observadas algumas condições básicas, assim, um material apresentado para o aprendizado deve possuir *significativade lógica*, isto é, não deve ser confuso e tampouco arbitrário. A *significativade psicológica* também é fundamental, pois se o aluno não dispõe de conhecimentos prévios específicos ou suficientes, isto é, se não há conceitos inclusores, o material novo não poderá se relacionar para que seja assimilado e, por fim, o aluno precisa estar predisposto ao aprendizado que pode construir por meio da relação entre o que já sabe e o que lhe é apresentado, algo que Ausubel chama de *disposição favorável*.

As teorias de Ausubel não foram valorizadas durante muitos anos, possivelmente por seus postulados irem em direção contrária aos seus colegas, quando ele começou a apresentá-las. Mas tem se tornado crescente nos últimos anos, além de enriquecida com outros estudos.

Novak e Gowin (1988) e Moreira e Novak (1988), baseados em formulações de Ausubel, aprimoraram estudos práticos voltados para a capacidade dos alunos de “aprender a aprender”. Para tal, conceberam dois instrumentos: os “mapas conceituais” e o “V epistemológico”³². Os primeiros servem para representar hierarquicamente as relações entre conceitos de uma determinada área de estudo. Podem ser utilizados, entre outras coisas, para sondar os conhecimentos que os alunos já possuem. No caso do “V

³² Esse termo refere-se aos mapas V conforme Coll *et al.* **Desenvolvimento psicológico da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1996, p.193-197.



epistemológico”, é uma ferramenta que serve para compreender as relações que estão implicadas na aquisição de novos conhecimentos.

Quando os estudos se voltaram para os processos que levavam ao ensino, isto ocorreu numa época em que os avanços tecnológicos estavam acontecendo de forma muito inovadora, o que levou inevitavelmente à analogia do cérebro humano com a máquina processadora: o computador. Essa relação fez com que o interesse se voltasse na psicologia também para a capacidade de processamento da mente humana, o que acabou por contribuir muito para entender e aprimorar os métodos de ensino-aprendizagem.

Ao apresentar, em 1956, o seu estudo sobre a manipulação aproximada de sete elementos na memória, Georges Miller traz uma informação muito importante para a psicologia cognitiva, pois leva a pensar nas estruturações dos conhecimentos em grupos, níveis, enfim, em conjuntos de elementos que se relacionam entre si, o chamado “esquema do conhecimento”.³³

Se o conhecimento possui um esquema, a aprendizagem também o possui, pois para que determinado conceito novo possa entrar para o nível do conhecimento assimilado, deve passar por um esquema até chegar lá e se colocar em seu lugar. Para Sierra e Carretero (1990), esses esquemas de aprendizagem são o que permite a organização e seleção das informações pertinentes ao conhecimento.

³³ MILLER, George Armitage. **The Magical Number Seven, plus or minus Two**: Some Limits on Our Capacity for Processing Information. *Psychological Review*, 1956.



Rumelhart e Norman (1978) apresentam-nos três tipos possíveis de aprendizagem. Há a aprendizagem do tipo “crescimento”, que não modifica a base dos esquemas do nosso conhecimento, apenas vão agregando informações aos esquemas já instituídos. A aprendizagem na qual há “ajuste”, nos permite modificar os esquemas já existentes, mas sem alterar a estrutura interna básica. Agora se novas estruturas conceituais, isto é, novas maneiras de entender os conceitos surgem, temos uma aprendizagem por “reestruturação”.

34

A idéia básica para aprimorar os estudos, acerca dos processos cognitivos de aprendizagem, é levar o aluno a perceber que por meio da apreensão de conceitos científicos fica mais fácil a aprendizagem, pois trabalha no nível do pensamento ativo, da compreensão e da relação como os demais conceitos que lhe serão apresentados.

Análise do Percurso

A teoria de Ausubel, a nosso ver, é bastante válida, no entanto, em nossa breve incursão pelo Ensino Fundamental percebemos que nossa tentativa de adequar a teoria escolhida à prática se mostrou bem mais complexa do que julgamos inicialmente. Diante da nossa breve experiência no Ensino Fundamental, pudemos partilhar da indagação de

³⁴ RUMELHART, David; NORMAN, Donald. **Accretion, tuning and restructuring**: Three modes of learning. In: J.W. Cotton & R. Klatzky (eds.), *Semantic Factors in Cognition*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1978.



Ezequiel Theodoro da Silva em *Os (des) caminhos da escola*: “David Paul Ausubel, pai da teoria da aprendizagem verbal significativa, em palestra proferida em Campinas (1975), disse que o professor deve ‘começar a ensinar a partir daquilo que o aluno já sabe’. Mas será que este conselho pode ser seguido no contexto das escolas brasileiras?” (1982). Bem, não há resposta unânime para tal questionamento, mas é um fato que as disparidades entre as teorias epistemológicas da educação e a realidade dos ambientes de ensino fazem com que o professor que resolva abraçar essa causa árdua, mas gratificante, a de lecionar, enfrente muitas adversidades, seja das teorias que não funcionam adequadamente na prática, seja do momento (histórico de aprendizado) no qual recebe uma turma de estudantes.

Ao que concerne às expectativas do professor em relação ao conhecimento prévio dos alunos, surge-nos um outro questionamento importante inserido em *Os (des) caminhos da escola*:

ao iniciar o processo de planejamento para uma determinada série escolar, o professor deve pressupor um conjunto de conhecimentos anteriormente adquirido pelo aluno; deve haver um ‘a partir daí’. Tal pressuposição terá maior acuidade quando o currículo da escola atender aos critérios da unidade e continuidade, ou seja, uma coisa levando a outra ou um professor preparando a estrutura cognitiva dos alunos para conhecimentos posteriores. Assim, a nível curricular, a integração dos professores das diversas séries ganha um caráter deveras importante. Mas será que isso realmente acontece na prática pedagógica concreta? (SILVA, 1982)



Novamente não seria um questionamento para qual haja senso comum ou unanimidade na resposta. O que pudemos perceber mais nitidamente é que as teorias que embasam os processos educacionais são pensadas quase que para uma realidade social idealizada, na qual nada afetará o processo de ensino-aprendizagem senão os próprios elementos a serem assimilados como conteúdos de estudo.

O histórico de aprendizado de cada aluno varia de acordo com diversos fatores, tais como: predisposições naturais e/ou afinidades com determinados objetos de estudo; a forma como anteriormente o conhecimento se construiu no universo do aluno; as condições sociais do seu ambiente de estudo; as condições do ambiente familiar; a preparação dos professores que ajudaram esse aluno na sua trajetória, além de outros tantos fatores que podem, aqui, não terem sido mencionados, mas que podem interferir significativamente nesse processo.

As sugestões para uma construção de conhecimentos, propostas por Ausubel, à primeira vista nos parecem boas, pois levam em consideração a construção de bases sólidas nas quais outras se apoiarão sucessivamente, levando sempre a uma nova possibilidade de aprendizado. Ao tomarmos esta referência para nossa prática de ensino, pensamos em lidar de forma mais técnica com o processo de ensino, podendo facilitar a visualização de como organizar as novas possibilidades de conhecimentos, porém a situação na prática, propriamente dita, nos fez notar a quantidade de bases que os alunos possuíam que não estavam solidificadas. Eram apenas leves pontos de apoio que sustentavam o conhecimento dos estudantes. A questão que surge desta constatação toca diretamente no ponto central da



teoria de Ausubel, pois nos faz refletir até que base já existente teríamos que retroceder para que o ponto ao qual nos propomos trabalhar possa se sustentar firmemente.

Um estágio curricular não é um trabalho que possa ser realizado minuciosamente e exaustivamente até que se obtenha um resultado esperado por se tratar de um processo de ensino. Não há tempo hábil nem para a sondagem e tampouco para os preenchimentos das lacunas que os alunos possam possuir em suas estruturas de conhecimento.

O projeto de ensino que construímos intitulado *Teoria e realidade: conceitos para assimilação do saber*, que foi pautado diretamente nos estudos de Ausubel, teve como parte final a construção de um *blog*, no qual foram publicados os trabalhos textuais solicitados por nós, estagiários, e realizados pelos alunos. Neste trabalho final, buscamos apresentar um resultado das 16 aulas que ministramos, de tal maneira que os alunos pudessem ver, cada qual, o todo produzido pela turma.

A apresentação de um resultado ao final do estágio, para que os alunos pudessem ter algum contato com o trabalho realizado por toda turma foi a idéia inicial, que trabalhamos sob dois aspectos: fazer com que o aluno desenvolvesse a sua criatividade com base em um tema abordado e trabalhar a questão da inclusão nos meios digitais e suas particularidades e foram, justamente, esses dois aspectos que nos levaram à escolha da construção de um *blog*, que ao final se mostrou um ponto positivo pela forma como os conhecimentos foram abordados, construídos e, por fim, socializados.

A escola na qual estagiamos possuía um ambiente de informática, para práticas com professores, mas eram poucos os alunos que possuíam computadores em suas casas e



acesso à *internet*, desta maneira, não nos foi possível solicitar, infelizmente, que criassem seus textos *multimídia* em suas casas, tampouco no laboratório de informática da escola, pois isso exigiria praticamente um acompanhamento individual, já que alguns não estavam familiarizados com os mecanismos utilizados nos meios digitais. Para solucionar este problema, nós mesmos criamos o *blog* e transcrevemos o material criado em papel pelos alunos, isto é, eles construíram o conteúdo e nós o digitalizamos, inserindo na rede mundial de computadores (*internet*).

Um aspecto interessante do trabalho com o *blog* foi que isso nos permitiu expandir os assuntos que seriam abordados em sala, pois pudemos inserir também uma abordagem de notícia (que era um dos temas trabalhados) em meio eletrônico, trabalhando também a variação da linguagem utilizada nos diferentes meios onde a notícia circula.

Neste ponto conseguimos aplicar a teoria de Ausubel, pois levamos conhecimentos aos alunos estruturados de tal forma, que ao final eles mesmos estariam produzindo material para ser inserido em um meio digital, que correspondesse de certa forma à estrutura dos veículos da notícia em meio impresso.

O que pudemos constatar é que há muitas falhas no processo de ensino que deixam muitas lacunas para serem preenchidas, para as quais o tempo do estagiário com os alunos é insuficiente, no entanto, ao conseguirmos desenvolver uma forma de trabalho em torno de um tema central, podemos levar os alunos à compreensão do assunto que este tema desenvolve e, com um pouco de esforço e sorte, preencheremos algumas lacunas do entorno, pois o propósito do estágio não nos parece ser o de combater as deficiências da



turma para a qual realizaremos a prática, mas antes tentarmos abordar um assunto de uma maneira mais original, que possa ser uma abordagem didática, uma forma interessante de apresentação ao aluno e que com isso ele seja levado a compreender que o conhecimento todo está interligado, que não é fragmentário. O verbo (outro assunto trabalhado), por exemplo, está na fala do aluno, na escrita do jornal, na notícia na *internet*, no *blog* criado. Se há formas diferentes de expressão deste verbo, é importante que o aluno compreenda que também há meios diferentes de expressão e essa é a função do professor: mostrar o lugar de aceitação de cada manifestação, neste todo que é a rede de conhecimentos que construímos, onde o aluno encontra-se, para onde vamos e aonde ele pode chegar.

Finalmente, podemos concluir que uma teoria de aprendizagem, seja ela qual for, não pode nos dizer como ensinar, mas “[...] pode nos oferecer pontos de partida mais viáveis para a descoberta de princípios gerais do ensino [...]” (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980) capazes de nos guiar em uma proposta de ensino realmente eficaz que possibilite ao aluno interagir com os conteúdos apresentados e, principalmente, internalizá-los.

Referências

AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph D; HANESIAN, Helen. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1980.



MOREIRA, Marco Antônio; MASINI, Elcie F. Salzano. **Aprendizagem Significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Editora Moraes, 1982.

PELIZZARI, Adriana et al. Teoria da Aprendizagem Significativa Segundo Ausubel. In: **Revista PEC**, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, 2001/2002.

SALVADOR, Cesar Coll et al. **Psicologia do ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p.235-248.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Os (des) caminhos da escola**: traumatismos educacionais. São Paulo: Editora Moraes, 1982.

Formação do caráter hospitaleiro como prática educativa nas instituições de ensino



Ronaldo Mendes Neves ³⁵

Resumo:

Este ensaio aborda a hospitalidade e a comunicação virtual para propor uma reflexão educativa como perspectiva de uma prática pedagógica para a formação do caráter hospitaleiro na convivência virtual entre visitantes e visitados no ciberespaço. A incessante evolução tecnológica tem gerado os mais variados impactos e afetado a humanidade no sentido econômico, social e educacional em diferentes localidades do globo. A educação ofertada à sociedade contemporânea está cada vez mais representativa no imaginário do visitante do espaço virtual e, sendo assim, a prestação dos serviços de hospitalidade estabelece o vínculo humano caracterizado na reciprocidade das relações sociais. O avanço das novas tecnologias da informação e das mídias virtuais revela a onipresença do estudante contemporâneo: a ubiquidade. Assim sendo, a prática educativa por meio da hospitalidade e da comunicação virtual tem como perspectiva formar e aprimorar o caráter hospitaleiro nas instituições de ensino do século XXI.

Palavras chave: Educação, Hospitalidade, Comunicação virtual

Pensar a hospitalidade com o propósito de estimular a reflexão educativa no sentido de formar o caráter hospitaleiro, tem como referência a temática da comunicação virtual abranger vastamente as relações de convívio entre as instituições de ensino e os estudantes

³⁵ Professor do Decom – Departamento de Comunicação Social da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: roneves@ufrnet.br



que se deslocam no ciberespaço.

Percebe-se que são muitos os campos da atividade acadêmica que podem estabelecer uma base de pesquisa para os ritos da hospitalidade, do acolhimento e do vínculo humano. As inovações nos meios de comunicação e suas tecnologias estão caminhando em conjunto na direção de um mundo sem fronteiras, com mercados diversificados em organizações, comunidades, pessoas, bens e serviços. Assim, a informação está ao alcance de todos e a rede mundial de computadores pode ser acessada para prestação de serviços em tempo real e para disseminação de informações que contribuem para a formação e a educação do cidadão virtual.

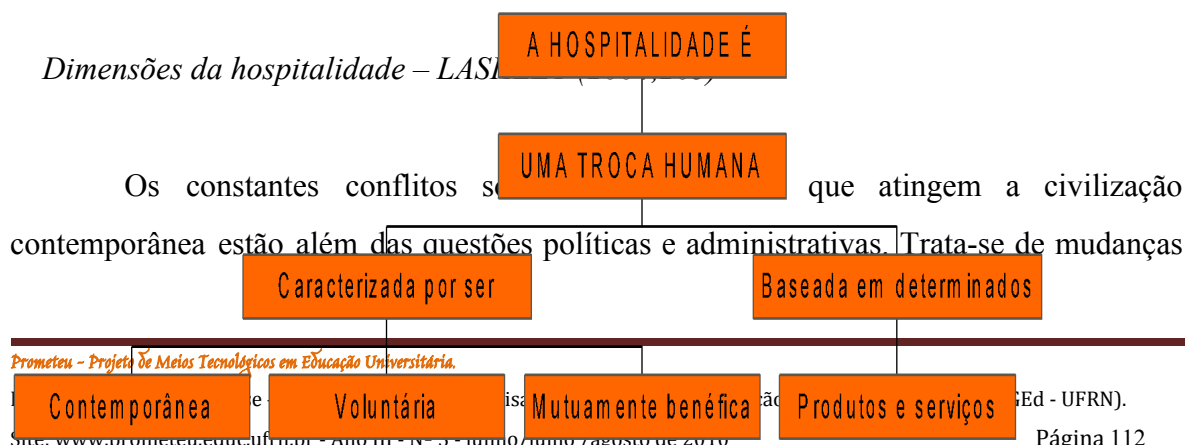
Dentro desse cenário tecnológico, o conceito de hospitalidade deve ser ampliado para além das atividades turísticas propriamente ditas. A relação que o processo de comunicação (Berlo,1999) estabelece com o imaginário dos visitantes virtuais gera valiosas contribuições e possibilidades de estudos da hospitalidade, da comunicação e da educação nas comunidades envolvidas. De acordo com Grinover (2002,34), “Oferecer e receber uma informação é um mecanismo de hospitalidade”. As questões interdisciplinares e as discussões em outros campos de conhecimento devem ser abordadas por meio de focos de interesse em cada área, sempre caracterizando o sentido da formação e da educação do cidadão, visitante ou anfitrião:

Hoje, o conceito de hospitalidade estende-se para além dos limites de hotéis, restaurantes, lojas e estabelecimentos de entretenimento[...]até recortes específicos, não apenas da antropologia, da sociologia, da história, da geografia, da economia, da política etc., mas também das ciências e tecnologias



aplicadas à administração, à educação, à comunicação, à arquitetura, ao urbanismo, ao planejamento ambiental, aos recursos naturais etc.(GRINOVER, 2002,27)

Para o autor, o estudo da hospitalidade se insere num contexto abrangente que envolve questões sociais e culturais enquanto se criam e implementam relações já existentes. Grinover (2003,25) sugere que essas relações podem se expressar em vários contextos, pois “realizam-se trocas de bens e serviços materiais e simbólicos entre receptor e acolhido, anfitrião e hóspede, sendo que a noção de hospitalidade se emprega em diferentes contextos”. Essa terminologia permite ampliar as possibilidades de campos científicos para o estudo de técnicas e práticas pedagógicas que venham elaborar atividades gestoras da hospitalidade com desdobramentos para as instituições de ensino no sentido de mediar a transmissão do conhecimento para o cidadão. Para o professor Lashley (2004) da Nottingham Trent University (NTU) no Reino Unido, a hospitalidade é considerada uma troca humana: contemporânea, voluntária e mutuamente benéfica e se apresenta dentro de um conjunto de bens e serviços.





no próprio perfil do cidadão e de suas relações com a realidade virtual, na busca do conhecimento, valorizando a educação e a troca de informações. A comunicação e a hospitalidade virtual podem ser pensadas como uma forma de criar alternativas que possibilitem a formação do caráter hospitaleiro.

Fica evidenciado uma lacuna nos estudos interdisciplinares entre educação e hospitalidade, especificamente na comunicação virtual e nas práticas educativas, visto que a demanda pela informação e pela formação acadêmica é cada vez mais crescente nas instituições de ensino do século XXI. Nessa sociedade interativa, o excesso de informação disponível revela a necessidade de formar o caráter hospitaleiro através da comunicação virtual entre os povos e suas instituições de ensino.

O primeiro contato do usuário virtual no ciberespaço é estabelecido através de uma relação de comunicação. Nesta troca desordenada de estímulos e de atos de hospitalidade afloram o vínculo humano existente entre emissor e receptor através do acolhimento das mensagens virtuais, conforme apresentado no quadro a seguir:

Tempos Espaço	Recepcionar	Hospedar	Alimentar	Entreter
Virtual	Textos, fotos, imagens, folhetos, cartazes, <i>folderes</i> ,	Páginas na internet, hospedagem de sites, portais, blogs, rede sociais.	Programas na mídia, guias virtuais de A&B e sites de gastronomia	Jogos, divertimentos e entretenimentos na mídia, informação.



	telefone, vídeos	e-mail,			
--	---------------------	---------	--	--	--

Espaço virtual da hospitalidade humana. Adaptado de CAMARGO (2004, 84)

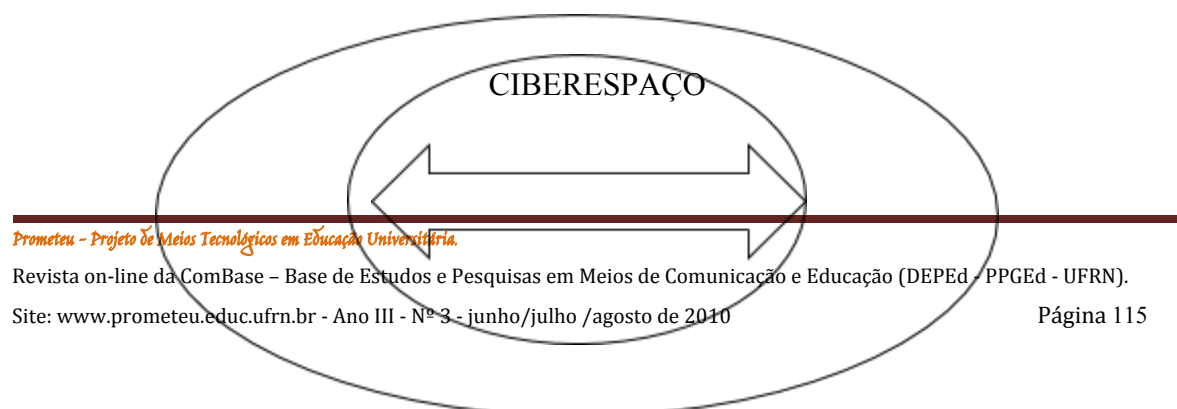
A apresentação do espaço virtual da hospitalidade se torna essencialmente necessária para estabelecer e incluir nos meios de comunicação recursos pedagógicos que direcionem para o desenvolvimento educacional e do caráter hospitaleiro de visitantes e visitados. Páginas da internet e os contatos eletrônicos demonstram o quanto é significativo receber e enviar mensagens hospitaleiras, ou seja, mensagens acolhedoras que não agridam e que vão de encontro aos interesses do receptor. É difícil imaginar a comunicação no ciberespaço sem a hospitalidade como pano de fundo, no sentido de enviar, receber e responder mensagens cordiais. O instante que envolve a recepção de mensagens virtuais é tênue e precisa de acompanhamento constante para prestar serviços de hospitalidade aos sujeitos turísticos. Desta maneira, Camargo (2004) descreve os quatro tempos da hospitalidade ligados à esfera da comunicação social e ao caráter hospitaleiro: doméstica, pública, comercial e virtual.

Virtual – Embora perpassa e seja quase sempre associada espacialmente às três instâncias anteriores, já se vislumbram características específicas dessa hospitalidade, notadamente a ubiquidade, na qual emissor e receptor da mensagem são respectivamente anfitrião e visitante, com todas as consequências que essa relação implica. (CAMARGO,2004,54)



As pessoas chegam e partem virtualmente. A representação da ubiquidade é configurada como característica particular da hospitalidade virtual, pois se refere à condição superior de estar em toda parte ao mesmo tempo. A onipresença do emissor e do receptor da mensagem eletrônica delimita suas inter-relações de anfitrião e visitante simultaneamente. Este mercado se torna virtual à medida que se constitui uma relação especializada entre dois protagonistas, aquele que recebe e aquele que é recebido e que, quase nunca, estão no mesmo local ao mesmo tempo. Esta capacidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo, representada pela informação virtual, é conhecida como ubiquidade. A multiplicidade de portais na internet demonstra a constante e crescente presença da ubiquidade, o que torna necessário ampliar o debate da hospitalidade e da convivência cordial e educadora no ciberespaço. O enviar e receber mensagens virtualmente remete aos critérios de polidez e etiqueta com suas maneiras de comportamento e formas de tratamento: a *net-hospitalidade*.(CAMARGO,2003)

Não basta incluir o cidadão no ciberespaço. As regras de bom comportamento virtual iniciam nas atitudes hospitaleiras dos visitantes e anfitriões. Dessa maneira, a net-hospitalidade é sugerida para constituir o caráter hospitaleiro nas relações virtuais de comunicação e educação.





VISITANTE **NET-HOSPITALIDADE** ANFITRIÃO

Figura 1 – Net-Hospitalidade

Tendo em vista o aumento generalizado de inovações tecnológicas, as páginas na *web* estão cada vez mais interativas e procuram receber os visitantes com atrações e *links* diversificados, buscando prestar um melhor serviço informacional aos cidadãos. A hospitalidade é uma troca humana de cordialidades que tem por objetivo, aumentar o bem-estar, a qualidade da informação e obter benefícios mútuos tanto para o anfitrião como para o visitante.

Para Lévy (2000,47), é considerado virtual “toda entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”. O autor explica e adverte que não se pode fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real e afirma que o virtual existe sem estar presente. Assim, caracteriza-se o processo de virtualização onde a comunicação contínua representa a ubiquidade da informação.

O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e da coincidência dos tempos [...] ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo ou entre grupos: as características



virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto. Simetricamente, a extensão de um novo espaço universal dilata o campo de ação dos processos de virtualização.(LÉVY, 2000,49)

Diante do amplo desafio de investigar um campo no qual se desenrola um processo de comunicação tecnológico em permanente *feedback* entre o visitante e o visitado, a interação mediada pela hospitalidade virtual revela que uma nova relação de atitudes educativas estão presentes na troca de mensagens entre os estudantes e suas instituições de ensino. A análise da comunicação virtual apresenta novos modelos de práticas pedagógicas que permitem que indivíduos transmitam suas mensagens para outros, dispersos no tempo e no espaço, o que caracteriza a expansão da educação à distância. Esse ponto de vista leva a considerar o caráter hospitaleiro como base para estruturar uma civilização que se comunica no espaço virtual, assim sendo:

Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis do professor e de aluno. (LÉVY, 2000,172),

Conforme relata o autor, a principal questão não é o momento de passagem da educação presencial à educação à distância e nem da escrita e da oralidade para os meios multimídia e sim a transição para um intercâmbio de conhecimento e informações. É, justamente, a transformação de uma educação e uma formação estritamente



institucionalizadas (a escola, a universidade) para um sistema de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de conhecimento autogerenciado e móvel. Esse sistema proposto pressupõe a presença constante do processo de comunicação e da interferência direta da hospitalidade virtual para constituir a prática e formar o caráter hospitaleiro no ciberespaço. Para tanto, o vínculo humano continua sendo indispensável para manter a cordialidade e a reciprocidade nas relações de comunicação para benefício mútuo dos sujeitos turísticos, de acordo com a proposta sugerida pelo professor Lévy (2000, 173). “Permitir a todos um acesso aberto e gratuito a midiatecas, a centros de orientação, de documentação e de autoformação, a pontos de entrada no ciberespaço, sem negligenciar a indispensável mediação humana do acesso ao conhecimento”.

Em “Pedagogia da autonomia”, Freire (1996) aborda a pertinência da inter-relação do trabalho educativo com os meios de comunicação quando expressa a seu pensamento com relação aos meios de comunicação, pois para o educador, pensar a mídia em geral é pensar num processo impossível de neutralidade. Torna-se evidente que, se o ambiente de comunicação virtual não é neutro, a convergência entre a comunicação e a educação é imprescindível e positiva para a formação do caráter hospitaleiro no ensino de jovens e adultos na escola virtual e complementa que a prática educativa exige disponibilidade para o diálogo. Freire (1996,118) ressalta que na nossa experiência existencial, “a capacidade que mulheres e homens criamos de interligar o mundo sobre que e em que atuamos, o que se deu simultaneamente com a comunicabilidade do inteligido. Não há inteligência da



realidade sem a possibilidade de ser comunicada.” E coloca um problema para ser debatido:

Um dos sérios problemas que temos é como trabalhar a linguagem oral ou escrita associada ou não à força da imagem, no sentido de efetivar a comunicação que se acha na própria compreensão ou inteligência do mundo. A comunicabilidade do inteligido é a possibilidade que ele tem de ser comunicado mas não é ainda a sua comunicação. FREIRE (1996,118)

Segundo Marques de Melo (2008,54), com a “telemática”, os meios de comunicação tendem a fragmentar a produção simbólica priorizando a imaginação e a emoção. “E busca nas teorias da informação os fundamentos para a criação de uma realidade virtual, de um ciberespaço”. Nesse contexto, a comunicação e a educação produzem a circulação virtual da livre expressão de idéias e contribui diretamente para o desenvolvimento social e cultural do ser humano. O autor ainda acrescenta a importância histórica que os processos educativos têm sobre a evolução da mídia: “É importante lembrar que, historicamente, a mídia dependeu da expansão da educação com vistas à alfabetização para a formação de mercados e públicos consumidores”.

Contudo, pode-se afirmar que as atividades educacionais realizadas com o suporte midiático se desenvolvem no ciberespaço e gera a tecnocultura, destaca Marques de Melo (2008,55), “os processos de educação e comunicação, amparados sobretudo na oralidade e na imagem que recebemos e reelaboramos a cultura: a cultura dos outros, dos nossos ancestrais; a nossa cultura”. A partir dessa proposição, considera-se fundamental a necessidade de interagir comunicação, educação e ciberespaço: a tecnocultura. Para o



professor Marques de Melo (2008,58), o maior desafio da educação contemporânea está no fato de como utilizar os meios de comunicação no ciberespaço: “Incentivar o uso das tecnologias digitais, e, ao mesmo tempo, não permitir que o conhecimento se forme fragmentado, supérfluo e vazio. Melhor, que ele nem sequer ocorra”. E ainda alerta para violência virtual, interpretada como má educação virtual, no sentido de expor os conflitos entre as culturas oral, escrita e imagética. Segundo descreve Marques de Melo, a violência do imaginário é capaz de afetar todas as modalidades do laço social, o que descaracteriza a ação de qualquer propósito de hospitalidade. Assim sendo, reforça-se a necessidade vital de refletir sobre a prática educativa da hospitalidade que, por meio da comunicação, possa sempre desenvolver e aprimorar o caráter hospitaleiro para estancar a violência do imaginário na tecnocultura.

E assim, o ciberespaço se apresenta como poder simbólico (Thompson,1998), em um ambiente de visitação pública e universal, necessitando de ser inundado de atitudes hospitaleiras na troca de informações e mensagens virtuais. Ao enviar mensagens para pessoas nos contextos distantes, conforme deduz Thompson (1998,106) “a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência”. O incremento das novas tecnologias da informação na fase contemporânea da sociedade sustenta o imaginário coletivo e, nesse sentido, propõe-se a prática educativa da hospitalidade para a formação do caráter hospitaleiro nas relações de comunicação entre visitantes e visitados nas instituições de ensino. Assim, na sociedade da informação interativa, é comum dirigir ações de comunicação para um receptor distante no



espaço e no tempo, representando a onipresença da informação com consequências que ultrapassam os limites de seus contextos e localizações.

O desenvolvimento de novos meios de comunicação não consiste simplesmente na instituição de novas redes de transmissão de informação entre indivíduos cujas relações sociais básicas permanecem intactas. Mais que isso, o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de símbolos nas relações sociais. (THOMPSON, 1998, p.77)

A ideia de tempo e espaço na hospitalidade apresenta novas vivências e experiências para justificar os deslocamentos virtuais da sociedade contemporânea, conforme revela Baccega (2008,3): “criam-se novas sensibilidades, novos modos de relacionar-se, maneiras diferentes de estar junto com outras pessoas, de circular pelas cidades, de circular pelo mundo e pelos mundos”. A autora ainda acrescenta que toda a informação circula e representa o poder simbólico presente na informação: “As imagens parecem ocupar o lugar do concreto. Através delas, os objetos, mágicos e atraentes, oferecem-se para serem adquiridos”. Essas imagens são alguns dos exemplos que expressam a hospitalidade virtual desses locais e ultrapassam os limites dos seus contextos e localizações: a ubiquidade.

Portanto, evidencia-se a categoria da hospitalidade virtual para constituir o vínculo da comunicação humana no intuito de formar o cidadão e constituir o caráter hospitaleiro nas instituições de ensino. Enfim, estabelecer uma reflexão educativa nos gestores da educação e da comunicação contida na reciprocidade humana através das trocas de



mensagens e imagens para gerar o bem-estar dos sujeitos envolvidos nesse processo virtual descrito como cibercultura. (LÉVY, 2000).

Consideração final

Os desafios da comunicação no ciberespaço defrontam com aspectos éticos, morais e educacionais da sociedade que se manifesta virtualmente no século XXI. As relações sociais tendem a distanciarem o contato humano integrando, cada vez mais, o cidadão no espaço virtual. Considerar e estudar a temática da hospitalidade e a comunicação virtual leva a uma reflexão maior a respeito de questões como a educação e a cidadania, a reciprocidade através da integração dos povos, a inclusão social e da configuração do vínculo humano.

A caracterização da valorização dos processos de relações humanas evidencia a necessidade de desenvolver e aprimorar o caráter hospitaleiro nas ações recíprocas de visitantes e visitados no ciberespaço: *net-hospitality*. Exatamente por este motivo, a missão de recepcionar e acolher os visitantes virtuais se torna uma prática pedagógica de fundamental importância para a construção de uma cultura virtual hospitaleira.

A gestão dos serviços de hospitalidade se configura nas instituições de ensino e, especialmente em suas relações virtuais, como uma função geradora de conhecimento coletivo para o desenvolvimento humano e profissional do educando. A organização dos processos comunicativos de informação, lazer e entretenimento têm muito a colaborar para a formação de um suporte social que permita a inclusão e a aceitação do outro na troca da aprendizagem.



Avaliar as relações da educação e da hospitalidade com os atores sociais envolvidos no ciberespaço se torna uma exigência das instituições de ensino, uma vez que a transmissão de informações virtuais traz contribuições fundamentais para o desenvolvimento educacional dos sujeitos envolvidos no processo de comunicação virtual para priorizar a formação do caráter hospitaleiro.

Referências:

BACCEGA, Maria Aparecida (Org). **Comunicação e culturas do consumo**. São Paulo, Atlas, 2008.

BERLO, David K. O Processo da Comunicação. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

CAMARGO, Luis Otávio de Lima. Os domínios da hospitalidade. In: **DENCKER, Ada de Freitas Maneti, Bueno, Marielys Siqueira (Orgs).** Hospitalidade: Cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____, **Luiz Octávio de Lima.** Hospitalidade. São Paulo: Aleph, 2004.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti, Bueno, Marielys Siqueira (Orgs). Hospitalidade: Cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa. 25ª Ed. São Paulo, paz e Terra, 1996.

GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. Em: **DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). Hospitalidade: reflexões e perspectivas.** Barueri: Manole, 2002.

LASHLEY, Conrad e MORRISON, Alison (Orgs.) Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado. Tradução de Carlos David Szlak. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MARQUES DE MELO, José e TOSTA, Sandra Pereira. Mídia e Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

NEVES, Ronaldo Mendes. Dinâmica da hospitalidade comercial: um estudo do caráter



hospitaleiro em empreendimento de lazer no Rio Grande do Norte. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

_____, Ronaldo Mendes. **Consumo do tempo livre: perspectiva interdisciplinar da comunicação e da hospitalidade virtual.** Anais do XXXII Congresso Brasileiro de estudos interdisciplinares de comunicação (INTERCOM), Curitiba, 2009.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis,RJ: Vozes,1998.



ISSN 2175-0920

Comunicação, mediação e diálogo freireano no Orkut.

Adriano Medeiros Costa
(PPGED - UFRN).

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo discutir o conceito de Comunicação para Paulo Freire. Seguindo a premissa básica de que, para ele, a comunicação só se efetiva a partir da possibilidade de entendimento do outro. E do outro poder interagir, se assim ele quiser. Na busca conjunta de significados e co-participação no ato de pensar. As idéias de Paulo Freire sobre educação e comunicação, no sentido que ele dá a busca conjunta de significados e na co-participação no ato de pensar. Podemos dizer que, neste contexto, a



informação emitida por cada um é absorvida (ou não) e adicionada ao próprio conjunto de informações de quem receber.

Palavras-chave: Comunicação, Diálogo, Educação, Redes Sociais On-line.

Há diversas explicações teóricas a respeito do conceito de Comunicação. Acreditamos, neste caso, na grande importância da coerência interna e externa do sistema teórico. Assim, procuraremos esclarecer o conceito de Comunicação para Paulo Freire, o qual se trata do referencial teórico deste trabalho. Como premissa básica, é importante que se diga que na formulação de seus conceitos teóricos, o educador parte sempre da própria realidade do ser humano e de que educação implica necessariamente em comunicação, a qual é a co-participação no ato de pensar, em ética e afetividade (confiança):

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (FREIRE, 1988, p. 69).

Paulo Freire não vê o processo comunicativo como uma simples “extensão”, ou seja, transferência mecânica. Sendo assim, a troca de informações constitui apenas em uma ação instrumental e não em ação comunicativa. É por isso que no entendimento adotado



aqui neste trabalho, o conceito de Comunicação para Paulo Freire está intimamente ligado ao conceito de Comunicação adotado por Jürgen Habermas. Segundo os princípios da Teoria da Ação Comunicativa pormenorizados pelo pensador alemão, a Comunicação (sem esquecer aqui que toda Educação implica em Comunicação) possui quatro pré-condições de validade (expressas ou não expressas) para que exista a ação comunicativa (a qual traz em si mesma o momento do entendimento livre de dominação) são: verdade (ética), inteligibilidade (mesmo dado do universo comum), correção (em referência a normas, uso do mesmo código lingüístico) e veracidade (pessoal).

Algo que também é verdadeiro para outros educadores, tanto no que diz respeito à implementação de projetos educacionais: “(...) é bom saber que se a realidade não couber no modelo, certamente o modelo é que está errado.” (ANDRADE, 2006, p. 2), quanto no processo de ensino-aprendizagem em si.

A livre expressão e a ação coletiva que nasce de todos a distinguem de outras pedagogias. A cooperação implica num trabalho comum que alia diferenças sem conflito, comunicação como experiência compartilhada; o aluno torna-se, ao mesmo tempo, participante e responsável, que busca, através do confronto, o crescimento individual e coletivo. (ELIAS, 2004, p. 90).



Em suas obras³⁶, Paulo Freire afirmou que existir humanamente é manifestar-se e modificá-lo: “Na verdade, o processo de libertação de um povo não se dá, em termos profundos e autênticos, se esse povo não reconquista a sua palavra, o direito de dizê-la, de ‘pronunciar’ e de ‘nomear’ o mundo.” (FREIRE, 1978, p. 145).

Dessa forma, a “educação pela liberdade” não pode se dar sem o conhecimento da realidade na qual todos nós estamos inseridos, bem como os educandos, que chegam à sala de aula trazendo consigo suas experiências de vida, seus saberes e formas de interpretar a realidade, a qual pode ser entendida como sendo a utilização pelos alunos de determinados códigos lingüísticos, concepções sobre etnicidade, sexualidade, formas de expressão, comportamentos e classes sociais. Essa realidade foi aprendida em suas famílias e nas comunidades (grupos), em que eles integram e participam. A escola não pode ignorar a forma que seus educandos interpretam a realidade.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 2003, p. 78).

³⁶ Cf.: FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo, coleção O mundo, hoje, vol. 22, 3ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1978 e FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 37ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 2003.



É por isso que quando uma instituição de ensino, de forma autoritária, toma a decisão de bloquear o acesso ao MSN Messenger e aos sites de relacionamentos (como o Orkut) em seus laboratórios, os quais podem ser facilmente acessados pelos jovens na *lan house* mais próxima, os gestores desta instituição abdicam da possibilidade de diálogo e, como já foi dito, de conferir à escola seu legítimo papel de ambiente privilegiado de debates para tais assuntos. Dessa forma, evita-se que a educação como prática para a liberdade seja uma educação dialógica, a qual vai muito além do direito de poder se expressar e ser ouvido. A dialogicidade começa quando o educador pensa o conteúdo programático.

Na concepção de Paulo Freire, o diálogo, mais que um instrumento do educador, é uma exigência da natureza humana. O educador não deve impor sua visão ao educando, mas sim problematizar a sua própria realidade a do educando. Aqui se faz necessário o esclarecimento de alguns conceitos sobre diálogo e mediação. Para o autor, o diálogo se estabelece entre dois ou mais interlocutores que fazem declarações a respeito de um dado do universo a ser conhecido. Estas declarações dizem respeito à compreensão ou à busca de compreensão sobre esse dado, o qual pode partir de uma experiência real ou simbólica, estabelecendo-se, assim, o processo de mediação.

Na linguagem do dia-a-dia, chamamos qualquer conversação entre dois ou mais indivíduos de “diálogo”. Mas se faz necessário aqui uma definição mais precisa. Andrade nos lembra que:



Pra você ter uma idéia do conteúdo real de um discurso, você terá que fazer uma análise desse discurso. Então, tentar apreender nesse discurso os sinais desse viés ideológico que atravessa todas as declarações. (ANDRADE, 2008, site).

Todos nós sabemos que é muito mais fácil para a maioria das pessoas reproduzirem simplesmente um modelo já conhecido do que contestá-lo. É assim quando a maioria das pessoas se decide pela opção religiosa quando tende a seguir a mesma dos pais e igualmente ocorre na vida amorosa quando elas tendem a reproduzir os mesmos modelos de estratégias de paquera e de vida conjugal. A mesma reprodução conveniente de um modelo pré-estabelecido também ocorre em boa parte dos estudos que se publicam e conseqüentemente das leituras que se fazem sobre a área de Comunicação.

Nos dias de hoje é fácil observar que as prateleiras das livrarias e das bibliotecas universitárias estão repletas de livros que adotam a perspectiva funcionalista sobre a área teórica da comunicação, mesmo que nos títulos seus autores adotem a tão em moda postura holística dizendo que suas obras se tratam das "teorias" da comunicação. Mas um exame minucioso irá comprovar o forte viés funcionalista sob a luz do qual foram escritas. Os artigos científicos escritos por professores e estudantes da área de Comunicação Social, também revelam essa influência funcionalista que ao longo das décadas tem se tornado cada vez mais forte. Certamente, a motivação para essa postura está nos atuais tempos conservadores da cada vez mais burguesa sociedade moderna. Mas já no início da década de 70 o poeta e ensaísta Hans Magnus Enzensberger escreveu uma pequena obra chamada "Elementos para uma teoria dos meios de comunicação" a qual nos dá uma explicação para



isso. Pois na visão do autor, a grande expansão da visão apolítica (e afirma-se aqui: por isso funcionalista e conseqüentemente conservadora) sobre os processos de comunicação é em grande parte culpa da "insuficiente compreensão dos marxistas" no que diz respeito a mídia, bem como o "uso questionável" que alguns governos que foram, ou ainda são, de inspiração marxista fizeram dela. Sobre isso Enzensberger ainda diz que:

Ignóbeis colocaram-se à frente das novas forças produtivas, baseados puramente em intuições, às quais o comunismo não quis dar atenção, para sua desvantagem. Atualmente, essa vanguarda apolítica encontrou seu ventríloquo e profeta na figura de Marshall McLuhan, um autor a quem faltam, é verdade, todas e quaisquer categorias analíticas para a compreensão de processos sociais, cujos livros, apesar de confusos, podem servir de playground de observações incontroladas sobre a indústria da consciência. (...). Incapaz de qualquer elaboração teórica, McLuhan não resume seu material em um termo, mas no denominador comum de um ensinamento reacionário de salvação. Contudo, o que ele não inventou, mas foi o primeiro a realizar de forma explícita, foi uma mística das mídias, na qual todos os problemas políticos evaporam como névoa - aquela névoa azul com que ela ilude seus discípulos. Seu atrativo é a salvação da humanidade por meio da tecnologia da televisão, especificamente da televisão tal como é realizada hoje. Diga-se, porém, que a tentativa de McLuhan de colocar Marx de ponta-cabeça não é exatamente nova. Como seus numerosos antecessores, ele divide a determinação de minimizar todos os problemas da base econômica, o enfoque idealista, a banalização da luta de classes no azul celeste de um humanismo vago. Um novo Rousseau, assim como todas as reprises, apenas um débil reflexo do antigo, ele proclama o Evangelho dos novos primitivos que, sem dúvida num patamar mais elevado, devem retornar à "aldeia global", numa existência tribal pré-histórica. Não vale a pena debruçar-se sobre tais concepções. Talvez a frase mais famosa desse marqueteiro mereça maior atenção: "*The medium is the message*" (o meio é a mensagem). Apesar dessa idiotice provocadora, ela revela mais do que seu autor sabe. Ela desmascara o traço tautológico da mística das mídias em pormenores: o único elemento digno de nota na televisão seria, de acordo com ele, o fato de estar ligada; uma tese que, de fato, tem algo de sedutor se considerarmos os programas americanos. A frase de que a mídia é a mensagem, porém, transmite



ainda outra muito mais importante. Ela nos comunica que a burguesia dispõe, é bem verdade, de todos os meios de nos comunicar algo, mas que ela não tem mais nada a dizer. Ela é ideologicamente estéril. Sua intenção de agarrar-se a todo custo ao poder de dispor sobre os meios de produção sem estar em condições de deles fazer o uso social necessário é aqui expressa claramente na superestrutura: ela deseja as mídias como tais e para nada. (ENZENSBERGER, 2003, p. 80-83)

Assim, Hans Magnus Enzensberger faz uma crítica devastadora ao funcionalismo de Marshall McLuhan. Mas todos sabemos o quão difícil é fazer a opção pela perspectiva crítica. Pois isso significa abandonar a tranqüila perspectiva funcionalista, na qual as pesquisas apenas geram hipóteses e modelos teóricos derivados do trabalho empírico. A opção crítica significa abraçar a incerteza e exercer a reflexividade, ou seja, questionar e pôr à prova às próprias questões a que chegamos enquanto pesquisadores. Algo que só se pode chegar mediante a realização de algumas leituras por vezes excessivamente herméticas, conhecer em profundidade a filosofia da área de conhecimento específica (Teorias da Comunicação e da Educação, no caso desse trabalho), as quais nos possibilitarão “fazer a costura” de um sistema teórico que tenha coerência externa e sobretudo interna. É esse percurso, cujo tempo é um fator importante, que nos possibilitará a aquisição de certa autonomia intelectual, a qual dependendo do nível nos levará ao que se pode chamar de maturidade intelectual. Assim, não é à toa que as grandes empresas donas dos meios de informação adotam sem hesitar a conveniente visão funcionalista acerca do conceito de comunicação. É por isso que o sistema teórico adotado nesse trabalho no que



diz respeito ao conceito de Comunicação não aceita como válida a simples visão funcionalista do processo, pois:

O processo comunicativo vai muito além do tradicional esquema "emissor", "receptor", "meio", "mensagem". O qual apregoa a mudança de comportamento a partir da informação transmitida. Só que isso não é teoria da comunicação, é doutrinação e manipulação. A qual é usada tradicionalmente pela publicidade, pelo mercado de consumo, pela propaganda de guerra. Os americanos criaram isso apenas para justificar a prática dos meios. As pessoas pensam diferente, mas não conseguem se libertar disso. Jesús Martín-Barbero, Marshall McLuhan, dentre outros, ficaram presos nesse sistema. Na comunicação há informação necessitando de interesse, avaliação e interpretação. Os novos paradigmas surgem do movimento das teorias. (ANDRADE, 2008, site).

Assim, um receptor não vai simplesmente interpretar aquilo que o emissor deseja. O receptor vai reelaborar a mensagem a partir de seus pressupostos ideológicos, de classe, profissionais e familiares, dentre outros. Normalmente, sobretudo em ambientes on-line, costuma-se adotar um conceito acerca da mediação, que não é o adotado nesta pesquisa. Tal conceito, usualmente, está explicitamente relacionado ao papel do mediador como "intermediário" e "arbitragem" e implicitamente relacionado à suscetibilidade de manipulação. Sobre o papel do mediador, de acordo com este conceito, vejamos:

Todo mediador tem como objetivo primeiro facilitar o trâmite de dados e informações que fazem parte de uma comunidade virtual, baseada, por exemplo, em troca de e-mails e extrair, de tudo que foi postado, a síntese, conclusão ou resultado acerca do debate realizado. Cabe também ao mediador gerenciar o grupo, atualizar as ferramentas tecnológicas, fomentar novos debates e zelar pela conduta ética do fórum. Mas cabe ao mediador, principalmente, contextualizar a síntese de cada discussão, formatá-la em linguagem acessível e



utilizar este novo conhecimento para propor alterações e avaliações na vida real de cada pessoa que faz parte da comunidade virtual. (OLIVEIRA, 2003, p. 2).

Segundo o conceito de mediação freireano adotado nesta pesquisa, a mediação representa um dado do universo comum, mas apenas no momento em que está havendo interlocução³⁷: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 2003, p. 68). Nesse momento, os alunos reelaboram um dado do universo comum, simbólico, que é real para cada um deles em suas vidas:

Eu me recuso a aceitar que qualquer que seja um conhecimento ele seja mediado pela tecnologia. A tecnologia é um instrumento de aproximação do ser humano. Eu não posso dizer que o que eu vejo é mediado pelos meus óculos. Meus óculos são apenas instrumentos de aproximação do real. Se afirmarmos o contrário disso, seria como se estivéssemos dizendo que se apagarmos a luz, os objetos que estão neste ambiente iriam sumir, pois não estaríamos mais os vendo. Então, é uma questão de percepção. (ANDRADE, 2008, site).

Sendo assim, um processo de interação não acontece diretamente com uma máquina, mas sim de pessoa para pessoa tendo o mundo como mediador. Dessa forma:

³⁷ Um “dado do universo comum” sem interlocução representa apenas um dado do universo comum em si. É a interlocução que possibilita sua transformação em um elemento mediador.



Um exemplo de experiência real seria a busca de significado ou de informação sobre uma pedra por parte de interlocutores e uma experiência simbólica aconteceria quando tais interlocutores fazem uma descrição da mesma pedra. (FREIRE apud ANDRADE, 2008, site).

Segundo Paulo Freire, a mediação se faz em função do dado do universo comum e possibilita que a interlocução ocorra. Serve para definir o posicionamento dos interlocutores em relação ao dado, para compreendê-lo ou para declarar a sua compreensão. Por isso, é plausível que não se confunda diálogo com mediação, pois esta última ocorre em função do dado do universo comum (identificação) que possibilita que o diálogo ocorra. Assim, no processo comunicativo, para FREIRE:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isso mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. Se o objeto do pensamento fosse um puro comunicado, não seria um significado significante mediador dos sujeitos. Se o sujeito “A” não pode ter no objeto o termo de seu pensamento, uma vez que este é a mediação entre ele e o sujeito “B”, em comunicação, não pode igualmente transformar o sujeito “B” em incidência depositária do conteúdo do objeto sobre o qual pensa. Se assim fosse – e quando assim é –, não haveria nem há comunicação. Simplesmente, um sujeito estaria (ou está) transformando o outro em *paciente* de seus comunicados. A comunicação, pelo contrário, implica em reciprocidade que não pôde ser rompida. (FREIRE, 1988, p. 66 e 67).

Ao se estabelecer o diálogo entre interlocutores, há ainda algumas premissas necessárias para que de fato ele ocorra: que haja ética (sinceridade) de ambas as partes, que



haja um objeto do universo comum e que se use no processo alguns elementos de linguagens comuns a todos, como por exemplo a língua. Em entrevista, Arnon de Andrade nos diz:

Então, você está pressupondo que ele entende o que você está dizendo, que o que você está dizendo é verdade, que você acredita nisso, terceiro, que é a respeito de um objeto que está no universo comum entre vocês. Objeto que eu falo, um dado do universo comum. Esse dado pode ser uma pessoa, pode ser um comportamento, pode ser um sentimento, pode ser um objeto concreto, pode ser qualquer coisa desse universo comum nosso que não é povoado apenas de matéria. Assim, é essa a diferença entre diálogo e mediação. A mediação é importante no diálogo, ela é fundamental no diálogo, mas ela é aquele dado do universo que faz com que essa interlocução ocorra. (FREIRE apud ANDRADE, 2008, site).

Se contextualizarmos o que foi dito até aqui com a prática de uso do Orkut como extensão de sala de aula, podemos dizer que ao analisar um dado do universo comum, educandos e educadores são interlocutores dispostos a transformar conhecimento em diálogo. Diálogo esse que se estabelece quando os interlocutores, através de uma comunidade do Orkut emitem declarações sobre a compreensão ou a busca de compreensão do dado. Portanto, diálogo não é uma prática de conversação egoísta e doutrinadora que aqui poderíamos chamar de "monólogos alternados". Sendo assim:

Não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não há homem isolado. Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos lingüísticos. O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação. (FREIRE, 1988, p. 66).



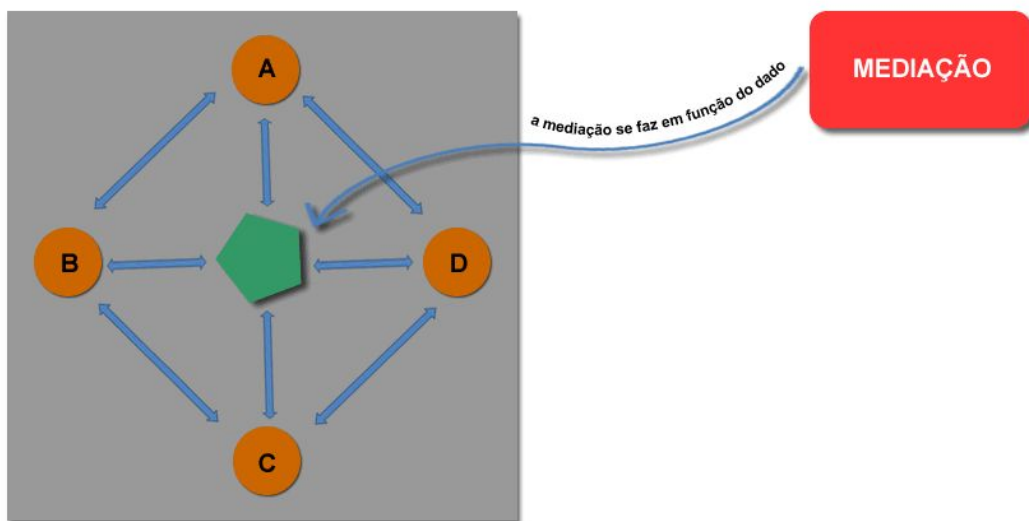
Então, determinamos uma área de interlocução. No caso desta pesquisa, uma comunidade do Orkut. A partir daí, alunos e professores “postaram” (publicaram) as intervenções de cada um, seguindo o direcionamento dos assuntos propostos pelo educador, segundo a necessidade dos educandos e o programa da disciplina. Quando cada um faz isso, não só se está emitindo uma declaração acerca da compreensão dele, como também descrevendo o objeto estudado por ele, e portanto, transformando esse objeto de uma experiência real em uma experiência indireta simbólica.

Quando um educando (interlocutor) lê a postagem do outro e se comunica com ele ou escreve uma resposta, esse educando vai estar fazendo um exame daquele mesmo objeto. Só que, diferentemente do primeiro, o contato dele com esse objeto é através da descrição simbólica feita e emissão de uma declaração acerca de seu entendimento daquele objeto. Então, temos um diálogo. Estabelece-se, assim, um processo que faz com que a interlocução ocorra, ou seja, a mediação, que, como já foi dito, se faz em função do dado do universo comum. Como se cada um dissesse: – Da mesma forma que o que você diz faz sentido para mim, é meu desejo que também possa fazer sentido para tantos outros.

Sendo assim, observemos na seqüência o processo de diálogo em uma comunidade on-line do Orkut, correlacionado com o conceito de Comunicação para Paulo Freire:



Estabelecimento do diálogo em uma comunidade no Orkut






-  = Comunidade na rede social on-line Orkut. A qual representa aqui a área de interlocução.
-  = Declarações sobre compreensão ou busca de compreensão.
-  = Dado do universo comum. O qual pode ser uma experiência direta ou simbólica.
- A, B, C, D = Interlocutores inscritos na comunidade on-line.

ILUSTRAÇÃO 1 – Efetivação do diálogo em uma comunidade on-line no Orkut.

É importante que aqui se diga que em uma experiência em EaD – Educação a Distância, só há comunicação quando um educando discute o dado do objeto comum com



outro educando, contanto que haja uma reinterpretação referenciada do dado objeto. Neste sentido, o *feedback* significa muito mais que a informação que o emissor obtém da reação do receptor à sua mensagem e que serve para avaliar os resultados da transmissão. Na verdade, o processo implica em uma “retroalimentação” do sistema, que aqui significa “alteração das metas”; ou seja, a tentativa de aproximar o máximo possível a intenção do resultado, e isso não é realizado de forma ingênua. Dessa forma:

A intersubjetividade ou a intercomunicação é a característica primordial deste mundo cultural e histórico. Daí que a função gnosiológica não possa ficar reduzida à simples relação do sujeito cognoscente com o objeto cognoscível. Sem a relação comunicativa entre sujeitos cognoscentes em torno do objeto cognoscível desapareceria o ato cognoscitivo. A relação gnosiológica, por isto mesmo, não encontra seu termo no objeto conhecido. Pela intersubjetividade, se estabelece a comunicação entre os sujeitos a propósito do objeto. (FREIRE, 1988, p. 65).

Sendo assim, neste trabalho, evitou-se o uso indiscriminado do termo “comunicação”, com freqüência, negligentemente, usado por quem na verdade quer falar em “interação” (por exemplo, o Orkut e o Messenger são ferramentas de interação), “informação” (por exemplo, a TV Universitária da UFRN é um veículo de informação) ou “notificação” (por exemplo, quando um professor envia e-mail para os alunos dando um aviso). Por isso, o Orkut, que é um espaço onde ocorre a interlocução e um meio fundamentalmente de interação, pode eventualmente servir como meio de comunicação. Assim sendo, no processo comunicativo, na concepção de Célestin Freinet.



(...) tudo ou quase tudo, sem dúvida, pode ser dito na condição de saber utilizar uma boa forma, as palavras ou os outros veículos possíveis. Trata-se então, de dominar as linguagens próprias em diversos tipos de expressão para utilizar o meio adaptado, o mais liberal possível. (SOUZA; DANTAS, 2007, p. 74).

É por tudo isso que o referencial teórico desse trabalho está embasado no conceito de Comunicação de Paulo Freire e no de colaboração de Célestin Freinet. Os quais estão intimamente ligados, como nos diz o próprio Freire:

"Eu e Freinet somos primos". Foi com essa expressão afetuosa que Paulo Freire, ao receber uma homenagem do Grupo de Educadores Freinet da PUC/SP, referiu-se ao educador francês Célestin Freinet. Esse "parentesco" indicado por Freire se baseia em muitas semelhanças em seus pensamentos e práticas. Ambos se envolvem diretamente com a prática pedagógica (Freire com adultos e Freinet com crianças e adolescentes) no seio do povo elaborando, cada um na sua realidade, uma proposta de educação popular voltada para a real participação dos indivíduos na sociedade e não a mera "integração" na realidade social em que se situam. Os "primos" se inseriram nas lutas sócio-políticas de seu tempo, na defesa da educação pública de qualidade e sofreram, por essa postura, a intolerância e a perseguição. Freinet e Freire são mestres que privilegiam o ser humano e sua capacidade de humanizar-se pelo processo educacional, alavanca potencializadora de suas possibilidades intelectuais e sociais. (PEREIRA; CAMPELO, 2005, p. 6 e 7).

O círculo virtuoso da dialogicidade em uma comunidade on-line no Orkut se dá quando cada um é livre para se expressar e questionar. Onde cada resposta leva a uma nova pergunta, que leva a outra resposta, assim por diante. O que não só está de acordo com a pedagogia proposta por Paulo Freire, mas também por Freinet. Neste sentido, podemos dizer que:



O processo educativo na Pedagogia Freinet é essencialmente interativo e, assim sendo, deve processar-se num clima vivo e construtivo de cooperação mútua, para que o aluno participe plenamente de todas as atividades e tenha sucesso nas suas aquisições, ou seja, nas suas aprendizagens. (Ibid., p. 88).

Dessa forma, podemos dizer que a comunicação só se efetiva a partir da possibilidade de entendimento do outro, bem como se cada um acredita no que está dizendo, e do outro poder interagir, se assim ele quiser. Se alguém pensa de determinada forma e é levado por outros interlocutores a mudar de opinião estabelece-se, também, a comunicação. Porém, quando alguém não acredita no que diz, e ainda assim tenta convencer o(s) outro(s) daquilo que ele próprio não acredita, não há comunicação entre os envolvidos no processo, mas sim fraude. É por isso que a TV, rádio, internet ou o telefone não são meios de comunicação. Eles podem servir como meios de informação, de expressão e de controle social. Só, eventualmente, como já foi dito, é que podem servir como meios de comunicação. Neste caso, quando, por exemplo, duas ou mais pessoas assistem a um programa de TV e se comunicam não com o programa, mas sim sobre o programa, o qual serve de mediação entre os telespectadores e não de comunicação direta com o telespectador, bastando que, para isso, ele seja pensado de tal forma por seus produtores no sentido de apenas não haver a simulação da comunicação. Sobre isso, é interessante observarmos a transcrição³⁸ de uma palestra³⁹ proferida pelo escritor Ariano

³⁸ Espaço de tempo em que decorre a citação no DVD: 0:03:25 - 0:03:59



Suassuna sobre seu encontro com Paulo Freire em um aeroporto logo após este voltar do exílio:

Eu sou muito amigo de Paulo Freire, o educador. Aí Paulo Freire chegou no Recife...fazia muito tempo que eu não o via. Aí quando eu avistei Paulo, eu corri e nós nos demos um abraço. Aí um pessoal de televisão que estava lá correu e pediu pra eu repetir dizendo: Nós não pegamos o abraço. Aí eu disse: Eu não sei representar a amizade, não. Eu tenho amizade por Paulo. Representar a amizade é pra ator, não é pra mim não. (SUASSUNA, DVD, 1997)

Em um debate ou quando alguém faz um discurso (por exemplo, um político) não há comunicação, há retórica. Pois quem se dirige a um público dessa forma, normalmente quer convencê-lo e o ato de impor a própria opinião não implica em um ato comunicativo. O mesmo pode-se dizer de alguém que entre amigos (por exemplo, em uma mesa de bar) quer ganhar uma discussão apenas pelo desejo de vencer. Não é comunicação uma conversa entre pessoas, na qual a discordância de uma delas faz com que a outra se sinta desafiada. Quando uma criança chora em busca da mãe ou quando uma pessoa se confessa a um padre em um confessionário não estão realizando um ato comunicativo. Mas sim de informação (no caso da criança que procura chamar a atenção da mãe) e de doutrinação (no caso de um fiel da Igreja que busca absolvição por seus pecados). Quando dois animais,

³⁹ Cf.: ARIANO SUASSUNA EM AULA ESPETÁCULO. Direção: Vladimir de Carvalho. Brasília. Co-produção CPCE/UnB e Ministério da Cultura. 1997. 1 disco (Tempo 45 minutos). DVD.



um macho e uma fêmea, emitem sinais sonoros (como os pássaros e as rãs), dançam ou mudam de cor para chamar a atenção do(a) parceiro(a), eles não estão realizando um ato de comunicação, mas sim seguindo o instinto reprodutivo. Até porque, a ética é um componente indispensável para a existência da comunicação e se os animais não são racionais, logo eles não podem ser éticos em suas relações. Quando alguém escreve um texto em prosa ou poesia; atua em uma telenovela, no teatro ou no cinema; busca se expressar através da dança, moda ou da música, ele está realizando uma expressão artística e não se comunicando. Mesmo refletindo o mundo, o momento histórico, a sociedade em que foi feita, neles entram o componente da imaginação do artista (ator, cineasta, escritor, dançarino) E logo, sendo assim, eles não precisam ter um comprometimento ético com a verdade no discurso, nem a co-participação no ato de pensar. E ainda bem, pois o compromisso dessas áreas deve ser com a arte. E a arte não comunica, a arte se expressa.

Por mais nobre que a arte seja, ela não necessita está comprometida com a ética. E isso não é ruim. É claro que estamos nos referindo aqui à ética no sentido de “veracidade pessoal”. Mas também podemos dizer aqui que a arte (independentemente do nível de sua qualidade) não precisa nem da ética no sentido moral que a palavra tem. Um exemplo disso são as obras de escritores como Louis Ferdinand Céline ou de compositores como Richard Wagner que eram profundamente anti-semitas e o ator Jack Nicholson que é célebre pela sua misoginia. Ninguém poderia dizer que o trabalho deles não é arte de qualidade ou que seja pelo menos arte.



Podemos ainda citar como exemplo a simulação de contato pessoal e espontaneidade de um(a) apresentador(a) que fala olhando para uma câmera ou de um(a) apresentador de telejornal que, ao olhar para a câmera, está na verdade lendo um aparelho de *TelePrompTer*⁴⁰. A própria necessidade de existência de um apresentador de telejornal é algo discutível. Tendo em vista que a figura do apresentador nasceu no passado da necessidade que se tinha de alguém que lesse as notícias sobre as quais o canal de televisão não tinha acesso as imagens daquilo que estava sendo noticiado. Hoje, não há mais a mesma dificuldade de antes em se conseguir tais imagens. Sendo assim, é óbvio nos perguntarmos por que, então, as emissoras de televisão ainda continuam a usar os apresentadores? Provavelmente, a resposta mais óbvia e ingênua seria a de que o papel deles é importante para dar credibilidade àquilo que está sendo informado. Mas neste caso, perguntamos aqui: a verdade não se impõe por si só? Ela realmente necessita de alguém que pretensamente dê credulidade a uma notícia? É por isso que o Jornalismo não pode ser caracterizado como uma prática de Comunicação, nem muito menos um jornal ou telejornal em si é um meio comunicação. Mas se duas ou mais pessoas discutirem uma notícia em um jornal impresso, um site na internet ou um telejornal, eles podem sim vir a se tornar um elemento de mediação.

⁴⁰ *TelePrompTer*: dispositivo formado por tela ou rolo de papel rotativo, adaptável à câmara, usado para expor um texto em letras grandes e permitir, assim, que um locutor ou ator o leia com facilidade (Houaiss).



Há várias razões pelas quais uma emissora de televisão não pode ser considerada por si só um meio de comunicação. Os jogos de luzes e sombras, os cenários que escondem e por isso dissimulam a forma que o programa é feito, o “ponto”⁴¹ em um dos ouvidos dos apresentadores, a placa que acende e pede às pessoas do auditório que aplaudam em momentos determinados pela produção não podem ser considerados exemplos de comunicação. O mesmo se pode dizer de alguns programas televisivos que fazem uso em seus convidados de um aparelho “detector de mentiras”, o qual inclusive é de eficácia discutível. Outro exemplo, são os populares DVD’s⁴² de treinamento de administradores de empresas onde se fala francamente em comunicação, quando na verdade se está tentando adestrar executivos na arte da manipulação. Esses vídeos, mostram que no mundo dos negócios os treinamentos que falam em “comunicação” não seguem uma metodologia científica. Eles transitam muito mais em uma área que pretensamente busca dar a seus alunos a capacidade “exotérica” de tentar adivinhar o que o chefe pensa (habilidade da qual

⁴¹ Ponto: pequeno equipamento eletrônico (fone de ouvido) que serve para que os produtores de um programa de TV ou de um telejornal possam, oculto do público, se comunicar com quem está em cena quando necessário. A origem do ponto está no teatro, onde uma pessoa acompanhava o desempenho dos atores com um texto para lembrar os atores de alguma fala, caso eles esquecessem.

⁴² Cf.: A ARTE DE INFLUENCIAR PESSOAS. Direção: Fabiana Oliveira. São Paulo. Digerati. 2007. 2 discos (Tempo 50 minutos cada disco). DVD.



depende o sucesso de cada um), e assim ajustar previamente o discurso a fim de garantir seus objetivos. Uma missão cruel.

Na área de Direito, há muito interesse pelas obras de Habermas, inclusive sobre a Teoria da Ação Comunicativa. Nosso interesse aqui são as relações entre Educação e a Comunicação tecidas no contexto on-line do Orkut, mas para exemplificar de forma ainda mais completa o conceito de Comunicação empregado neste trabalho, poderíamos dizer que quando um advogado é contratado por uma pessoa, mas não acredita que o que seu cliente esteja dizendo é sincero, eles não estão realizando ação comunicativa. Mas se no decorrer do processo, o advogado passa a acreditar na verdade pessoal de seu cliente, então neste caso passa a existir ação comunicativa. De forma análoga, o mesmo acontece quando um machista e uma feminista dialogam e depois desse diálogo cada qual se torna menos radical. Outro exemplo que poderíamos dar diz respeito ao cinema. Há pessoas que no final da projeção de um filme sempre têm o desejo de conversar com outras pessoas que também assistiram a sessão de cinema para discutir o que elas acharam da obra cinematográfica. Mas sabemos que ter uma oportunidade é difícil, sobretudo se sabemos que aquelas pessoas são desconhecidas e uma sala de cinema convencional em si geralmente não oferece a oportunidade. Ao ter o desejo de debater sobre o filme, essas pessoas desejam transformar naquele momento que em essência é um meio de informação em um meio de comunicação.

Dito isso, pode-se dizer aqui que a possibilidade de comunicação acontece quando esses fóruns ou as comunidades do Orkut (áreas de interlocução) são usados por duas ou



mais pessoas para interagirem em uma busca coletiva de significação para um dado comum ao universo deles que seja real ou simbólico. Como, por exemplo, quando os membros de uma comunidade sobre DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis, buscam mútuo aconselhamento. Neste último caso, há sim o estabelecimento de um processo comunicativo. Neste caso, entende-se que há a presença das três condições que caracterizam o diálogo, o qual é a pré-condição para a existência do processo comunicativo. Tais como a utilização de elementos da linguagem comum a todos (no caso, a língua portuguesa), o objeto do universo comum e a ética, através da qual se supõe que os alunos acreditem no que eles mesmos disseram uns aos outros.

Já os *spams*⁴³ enviados em forma de tópicos a tais comunidades do Orkut, por serem propagandas, não podem ser considerados comunicação. Não há a expectativa por parte dos membros da comunidade que quem os enviou esteja sendo sincero quanto à informação fornecida. Inclusive, há *spams* que, mesmo enviados massivamente para os perfis, contém o nome de cada um dos destinatários, simulando uma mensagem personalizada. Dessa forma, há a não observância de um dos princípios para a existência do discurso: a ética. Já que tais *spams* induzem à fraude ao simular a espontaneidade e o contato pessoal.

Em capítulos anteriores, definimos os fóruns e redes sociais on-line, como o Orkut, e até mesmo os verbetes produzidos para a Wikipédia, como espaços privilegiados

⁴³ *Spam*: Tipo de propaganda não solicitada que chega indiscriminadamente a contas de e-mails, fóruns de discussão e redes sociais on-line via Internet.



para construções coletivas, como contos e poesias. Contudo, deve-se dizer aqui que isso não implica em um processo de comunicação, mas sim de trabalho colaborativo.

Nos dias atuais, virou moda entre muitos renomados teóricos⁴⁴ da comunicação falar da improbabilidade da comunicação. Não é o que pensa Arnon de Andrade, pois para ele a comunicação mantida entre os seres humanos não só é provável, como também é inevitável. No entendimento teórico adotado neste trabalho, falar na comunicação como algo improvável é, no mínimo, um exercício de neurastenia. E tudo o que vimos até aqui só confirma essa teoria:

O advento da comunicação pode até ter sido anterior ao surgimento da própria espécie humana. Pois pode ter sido a comunicação (por exemplo, através de onomatopéias) mantida pelas espécies que nos precederam que desenvolveram aquilo que hoje entendemos por comunicação. Inclusive, hoje em diversas línguas há palavras que nos lembram onomatopéias, como é o caso de “zumbido”. Pois a única forma que o ser humano encontrou para sobreviver ao longo dos tempos foi conhecer o seu meio e se comunicar. Por isso, a comunicação é inevitável e não improvável, como diz Luhmann. (ANDRADE, site, 2007).

Estabelecer um diálogo implica na instauração de um processo de análise do discurso, durante este diálogo, que possa analisar as construções ideológicas presentes e que se entenda o discurso como uma construção social, que só pode ser analisado considerando suas condições de produção e seu contexto histórico e social de forma que o

⁴⁴ Cf.: FILHO, Ciro Marcondes. Até que Ponto, de Fato, nos comunicamos? São Paulo: Paulus, 2004.



discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à do(s) seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m). Quando nos referimos à colaboração e co-autoração, como já foi dito, estamos, de certa forma, fazendo referências ao processo dialógico, o qual, muito além de um mero processo de interlocução, implica, necessariamente, no entendimento, não só do que está explícito, como também daquilo que está implícito na fala de cada um. É dessa forma que se estabelece a análise do discurso. Tal e qual os termos usados, vocativos e formas de despedidas, em recados pessoais são reveladores da situação afetiva entre os sujeitos na troca de mensagens, tanto presenciais quanto on-line:

Muitas vezes, a defesa do diálogo feita por Paulo foi interpretada como um falar por falar, sem desafio para a construção de novos conhecimentos. Outras vezes, esta defesa do diálogo deu origem à idéia de que o educador democrático não pode se valer de uma exposição narrativa. O próprio Paulo respondeu a esta falsa compreensão: “Pode haver diálogo na exposição crítica, metódica, de um educador a quem os educandos assistem não como quem ‘come’ a fala, mas como quem aprende sua inteligência. É que há um diálogo invisível, em que não necessito de inventar perguntas ou fabricar respostas. Os educadores democráticos não estão – são dialógicos. (FREIRE apud BARRETO, p. 65, 1998).

O “pensar crítico” que nos possibilita o desvendamento daquilo que está implícito na fala está bem entendido naquilo que FREIRE chama de “pensar verdadeiro”. Algo que garantirá a continuidade do processo dialógico:



Não há o diálogo verdadeiro se não há nos sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo / Homem, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. É um pensar que percebe a realidade como processo que se capta em constante devenir e não como algo estático. Para o pensar ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. Para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização dos Homens. Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. (FREIRE apud BARRETO, 1998, p. 66).

Embora não seja objeto de estudo aqui tecer reflexões aprofundadas sobre metodologias de análise do discurso, podemos dizer que, em ambientes como os fóruns e as comunidades do Orkut, há elementos gráficos na escrita usadas pelos jovens capazes de



dar certas indicações norteadoras. Podemos citar os “*emoticons*”⁴⁵ e a pontuação proveniente daquilo que se convencionou chamar de “internetês”⁴⁶.

A própria concepção dos diferentes conceitos de diálogo encontrados na obra de diversos autores só se desenvolveu mediante um processo dialógico, através do qual cada teórico estruturava sua concepção diretamente dialogando com outros teóricos e/ou mediante a leitura desses teóricos. Livros e publicações científicas serviram como área de interlocução, assim como o Orkut serve aqui nesta pesquisa de área de interlocução para os estudantes.

Podemos dizer, ainda, que o conceito de Comunicação em Paulo Freire faz referência à pré-condição de que haja a crença entre os interlocutores de que está havendo

⁴⁵ Emoticons: Forma de comunicação paralingüística, um *emoticon*, palavra derivada de *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamado “*smiley*”) é uma seqüência de caracteres tipográficos, tais como: “:.)”, ou “^_^” e “:-)” ou também uma imagem (usualmente pequena), que traduzem ou querem transmitir por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial o estado psicológico ou emotivo de quem os emprega.

⁴⁶ Internetês: É uma linguagem surgida no ambiente da Internet, baseada na simplificação informal da escrita com o objetivo principal de tornar mais ágil e rápida a interação. Fazendo dela uma linguagem taquigráfica, fonética e visual. Abreviações, simplificações, símbolos criados por combinação de caracteres, símbolos gráficos próprios e uma grande diversidade de recursos de comunicação por imagens utilizados na internet são as principais características encontradas nas mensagens que utilizam esta linguagem.



sinceridade de ambas as partes, para que haja o estabelecimento de um processo de comunicação. O que implica em o que poderíamos chamar, coloquialmente, de “fê nas pessoas”.

A fê nos seres humanos é um dado a priori do diálogo. O Homem dialógico tem fê nas outras pessoas antes de encontrar-se frente a frente com elas. Sem esta fê o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação paternalista. (FREIRE apud BARRETO, 1998, p. 65 e 66).

O esclarecimento do conceito de Comunicação em Paulo Freire implica, necessariamente, no estabelecimento do processo dialógico na busca pela apreensão, via sua obra, de sua inteligência. Pois, ao escrever sobre dialogicidade, seus textos se mostram repletos de construções que nos desafiam a buscar não só o “pensar crítico” ao qual se refere o autor, como também o “pensar crítico” oculto em seus próprios textos. Em suma, em um exercício de metalinguagem, Freire faz uso precisamente daquilo que aborda enquanto código lingüístico. Além de sua fê nas pessoas, é difícil não notar em seus livros uma imensa esperança na redenção do seres humanos e na superação de suas dificuldades para que um dia ele seja livre.

A esperança está na própria essência da imperfeição dos Homens, levando-os a uma eterna busca. Uma tal busca não se faz no isolamento, mas na comunicação entre os Homens. Se o diálogo é o encontro das pessoas para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu quefazer, já não pode haver diálogo. (FREIRE apud BARRETO, p. 66, 1998).



Como foi dito acima, o diálogo se estabelece por interlocutores, no qual cada um emite declarações (interlocuções) em busca de significação para um dado objeto comum (real ou simbólico). Tais interlocutores têm o mundo como mediador. Mas o processo dialógico, inevitavelmente entremeado por um viés ideológico, só se estabelece e tem sentido quando nós, que vivemos em comunidade, buscamos “ser mais” através da comunicação. Mas a “esperança”, aliada ao componente ético, é um pré-requisito para que haja o desejo de superação de nossas dificuldades. Se não temos esperança, não desejamos escolher nós mesmos nossos destinos; sendo assim, não há como haver diálogo. Se as pessoas perdem a esperança, elas não votam. Se elas não votam, elas perdem a liberdade de escolha. Neste caso, de escolher seus destinos enquanto sociedade. E é em sociedades assim, permeadas pela desesperança e desacreditadas de que os conflitos sociais são motivados pelas relações de poder entre as classes, que meios de informação são chamados de “meios de comunicação”. Comunicação implica em educação⁴⁷ e uma nação educada é mais difícil de controlar de forma autoritária. Por isso, concluímos, assim, que Paulo Freire, em seu conceito de Comunicação, entendeu que o pessimismo é uma forma de controle social.

Atualmente tornou-se muito popular entre o meio acadêmico dos estudos de Comunicação Social um conceito chamado “Educomunicação”. Na verdade, esse neologismo é perfeitamente desnecessário, pois como já vimos anteriormente, se tomarmos

⁴⁷ Cf.: FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação?, coleção O mundo, hoje, vol. 24, 10^a edição, São Paulo: Paz e Terra, 1988, p. 67.



como referência o conceito de Comunicação para Habermas e Paulo Freire, todo ato educativo implica necessariamente em um ato comunicativo. A educação se faz através da comunicação. Na educação temos a certeza de que o processo de comunicação vai nos aperfeiçoar enquanto seres humanos. Por isso, o processo educativo, muito mais do que um simples processo de ensino, implica inevitavelmente em comunicação. Pois, no processo educativo, ambos (professor e aluno) se modificam. Da mesma forma, Em muitas circunstâncias, o senso comum das pessoas alimentado por um conceito preconcebido pela ideologia dominante costuma qualificar como "diálogo" aquilo que em uma análise mais profunda não passaria de "*monoólogo*". Acredito ser importante a criação aqui deste neologismo como uma forma de crítica ao falseamento de se apresentar como diálogo algo que parece muito mais, embora não seja, um monólogo. O "*monoólogo*" é uma informação ou uma opinião expressa como se fosse um diálogo a um ou mais interlocutores aos quais se recusa o direito a ser(em) ouvido(s) e a co-participação no ato de pensar. É, portanto, um falseamento e uma manipulação que não se apresentam como tal.

Arnon de Andrade (entrevista, 2008), afirma não ser válida a questão de realizar ou não a união de ambos (Educação e Comunicação), tendo em vista que não há como dissociá-los. Como falou, em tom bem-humorado, para o professor não é uma questão de decidir ou não pela “união do casal”, mas de discutir seu “casamento”. Afinal, como nos fala Paulo Freire, educação é comunicação na medida em que é o encontro de sujeitos interlocutores na busca da significação dos significados.



Bibliografia:

ANDRADE, Arnon de. **Conceito de tecnologia educacional**. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon. Acessado em: 10 de setembro de 2005.

ANDRADE, Arnon de. **Mudar pra permanecer!!!** Blog de Arnon de Andrade. Disponível em <http://arnon.zip.net/index.html>. Acesso em: 06/11/2006.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 8ª edição. São Paulo: Cortez Editora – MEC – Unesco. 2003.

ELIAS, Marisa del Cioppo. **Célestin Freinet, uma pedagogia de atividade e cooperação**, 7ª edição, Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2004.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**, São Paulo: Conrad Editora, 2003

FOSNOT, Catherine Twomey (Org.). **Construtivismo: teoria, perspectivas e prática pedagógica**. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed.1998.



FREINET, Célestin. **O jornal escolar**, temas pedagógicos, nº 2, Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **A lógica do encantamento**, Fórum, nº 11, São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2003, p. 12.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**, coleção O mundo, hoje, vol. 22, 3ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**, coleção O mundo hoje, vol. 24, 10ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, coleção leitura, 29ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 37ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GONZALES, Max Alberto; COSTA, Eric, **Redes Sociais**, Info, junho 2008, nº 268, São Paulo: Editora Abril, p. 50.



OLIVEIRA, Leonardo. **O jornalista como mediador virtual ideal.** Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/2003/04/14/o-jornalista-como-mediador-virtual-ideal/>. Acesso em: 27/06/2008